

SÃO BARTOLOMEU

história e imaginários

Caroline Silva Souza



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Introdução	11
Tupinambá	14
Colonizador	17
Quilombolas	23
Descendentes e recém chegados	37
Suburbanas, Suburbanos	43
Dedicatória	61

Praça de Oxum



PARQUE SÃO BARTOLOMEU

O Parque Metropolitan de São Bartolomeu é reconhecido como área de preservação ambiental, devido à sua extensa reserva de mata atlântica, uma das maiores do país.

A importância histórica e cultural do Parque São Bartolomeu se confunde com a própria história do Bahia. Em 1630, o local abrigou o primeiro seminário público do padre jesuíta Antônio Vieira.

Durante o período da escravidão no Brasil, seções quilombas importantes de disseminação da cultura negra na região, sendo hoje o Parque Sagrada dos Quilombos.

Ainda, ali se travou o Batalha de Pilisk, decisiva para a independência do Estado.



Parque
São Bartolomeu



APRESENTAÇÃO

A pesquisa "História e Imaginários do São Bartolomeu" é uma síntese de impressões, estudos, conversas e experiências vividas desde que conheci o Parque São Bartolomeu, em 2019.

Conhecer o parque já adulta é o que podemos chamar de absurdo para uma pessoa criada no território onde o parque está localizado: o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Porém, a minha realidade é a mesma de muitas outras pessoas. Entre os motivos estão a violência e o racismo religioso. O parque padece com eventos violentos que ocorrem em suas terras e esse histórico é amplamente divulgado e repetido, de maneira a afastar as pessoas do local. Além disso, o racismo religioso reforça a ideia do parque como um lugar "amaldiçoado", devido a relação do parque com religiões de matriz africana.

Sim, o Parque São Bartolomeu é um lugar extremamente estigmatizado e por isso, esvaziado de seus próprios conterrâneos.

Posso lembrar como se fosse hoje o dia que entrei no parque e vi a cachoeira de Oxum: Fiquei muito emocionada!

Fui preenchida por um sentimento de encanto e orgulho em perceber que neste território em que habito existe um lugar tão lindo como aquele, com cachoeiras e um verde magnífico.

Fiquei em choque porque sou uma pessoa que gosta muito de estar em contato com a natureza... Vivia querendo viajar para ver cachoeiras. Era frequentadora assídua do Parque da Cidade: em vários fins de semana pagava a passagem de ônibus e ia até um bairro distante do meu para poder estar em um parque.

Naquele dia em frente a Cachoeira de Oxum tive uma intensa percepção de que eu estava fazendo um esforço grande para buscar em outras terras aquilo que já existe na minha.

Sou moradora do Subúrbio desde que nasci e como todo mundo que mora aqui, sempre convivi com a desqualificação do lugar, que é uma área periférica e majoritariamente negra da cidade de Salvador. Essa desqualificação é naturalizada, mas está longe de ser algo fácil de lidar. Neste momento não disponho de dados e material para falar de como se sente e vive cada morador do lugar, mas posso falar a partir de minhas vivências, estudos e impressões. Sou mulher, suburbana, negra, classe social baixa e posso dizer que as narrativas propagadas em torno de pessoas com essas características tendem a ser mais negativas que positivas. Pessoas com essas características veem sua própria ancestralidade como inferior, quando não, “exótica”, nunca o padrão ideal. Desde a tenra infância é essa a narrativa reforçada. “Não somos” relevantes e portanto a terra que a gente pisa e o parque que se desenvolveu com a gente também “não poderá ser”.

O parque não recebe o tratamento que merece porque as pessoas que o tornam vivo "não são relevantes".

Estar diante da grandeza do Parque São Bartolomeu e perceber que o mesmo mal tem espaço no roteiro turístico da cidade, que não recebe o tratamento ideal por parte do poder público, que mal pode ser habitado pelas pessoas que vivem em suas redondezas, fez surgir em minha cabeça uma relação imediata de como é tratado o povo negro que é maioria neste território: deslegitimado, invisibilizado e numa constante luta pela quebra de imaginários negativos a respeito de si cristalizados há anos.

Porém, mais triste do que ser estigmatizado pelo outro é não conhecer sua própria história ou não reconhecer a sua própria beleza. Naquele dia, em frente a cachoeira de Oxum, senti bem forte essa dor.

Atualmente a cachoeira sofre com a poluição causada pelas pessoas. Ao ver aquela situação, me perguntei "o que estamos fazendo com nossa própria história?" e ainda, "o que estão fazendo da nossa história?"

Um ano depois da primeira vez que conheci o Parque presencialmente fui trabalhar no Acervo da Laje. Uma associação cultural que busca salvaguardar a história do Subúrbio Ferroviário. No acervo tive contato com diversas fotografias e recortes de jornais que tratam do parque e seu contexto histórico. O acesso a esse material foi significativo para mim, pois ele é raro. É raro porque o parque tem sua história ligada, principalmente, a povos indígenas e negros, povos cujas histórias passaram por muitos processos de apagamento.

Dessa forma, aqueles registros são valiosos, pois são capazes de preencher lacunas em nossa história, lembrar nosso passado e transformar nosso imaginário.

Além disso, o fato deste material estar salvaguardado no próprio território marca um ato de resistência frente a uma constante prática de descaso com a história afro-indígena. O ato de guardar aqueles recortes de jornais e aquelas fotografias, ainda que afetivas, de família e amigos, ajudam a compor novas narrativas de nós.

Agradeço a Vilma Soares e José Eduardo, responsáveis pela associação, por fornecerem algumas imagens para este trabalho.

Além desse material, trago para esta pesquisa, parte dos desdobramento de estudos iniciados em 2019 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. O trabalho iniciado naquele momento seguiu no sentido de cartografar territórios formado por pessoas majoritariamente negras a partir de narrativas recolhidas através da escuta dessas pessoas.

Como base para o trabalho com Narrativas, foi lida a tese “Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus” de Gabriela Leandro, em que a autora destaca a existência de falas não legitimadas e falas legitimadas, e a relevância da literatura produzida nas “margens”, por pessoas que por não ocuparem espaços de poder, não são ouvidas ou se veem muitas vezes distantes da possibilidade de narrar sua própria vivência.

Já as cartografias entram nessa pesquisa baseadas em referência sobre Cartografias Sociais. Foram lidos autores como Aurélio Vianna, Henri Acselrad e Luis Régis Coli, em sua publicação "Cartografias Sociais e Território".

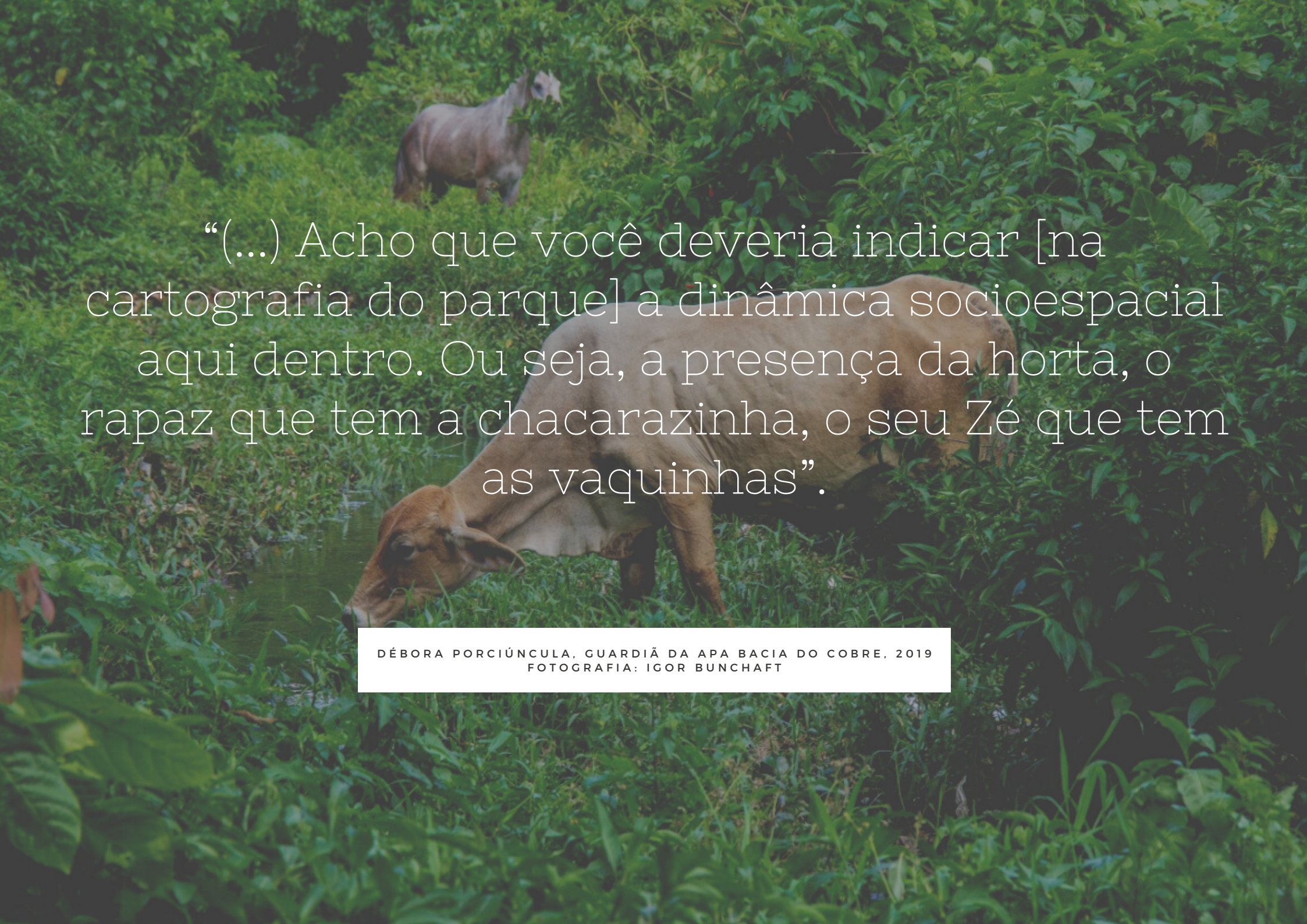
A construção da cartografia do Parque São Bartolomeu foi iniciada em 2019 de forma conjunta com a comunidade através da escuta, gravação das narrativas recolhidas oralmente, transformação de partes das narrativas em textos e a espacialização/mapeamento dessas narrativas em mapas.

Nesta pesquisa o foco está na pesquisa sobre a história do Parque São Bartolomeu em paralelo as narrativas recolhidas entre moradores do território e usuários do parque, além das imagens.

Enquanto trabalho acadêmico, inicialmente o processo de escuta dessa oralidade no parque teve como método a realização de entrevistas e oficinas presenciais, além de pesquisas teóricas. O trabalho contou com a participação de Caroline Souza, Igor Bunchaft, Íris Oliveira e Victor Cesar, com orientações das professoras Gloria Cecília Figueiredo e Nayara Amorim.

Esta pesquisa segue em autoria de Caroline Souza e a metodologia é a mesma usada na universidade, com modificações nas atividades presenciais que foram excluídas do processo ou substituídas por métodos virtuais, que é o caso das oficinas e entrevistas, respectivamente.

Além disso, busco contar a história do Parque a partir da história das pessoas que chegaram ao local e desenvolveram-se junto a ele. Se hoje posso colher uma fruta numa árvore no Parque São Bartolomeu é graças àquelas e aqueles que vieram antes de mim e plantaram, cuidaram ou simplesmente preservaram essa árvore.

A photograph of a brown cow grazing in a lush green field. Another cow is visible in the background. The text is overlaid on the image.

“(...) Acho que você deveria indicar [na cartografia do parque] a dinâmica socioespacial aqui dentro. Ou seja, a presença da horta, o rapaz que tem a chacarazinha, o seu Zé que tem as vaquinhas”.

DÉBORA PORCIÚNCULA, GUARDIÃ DA APA BACIA DO COBRE, 2019
FOTOGRAFIA: IGOR BUNCHAFT

INTRODUÇÃO

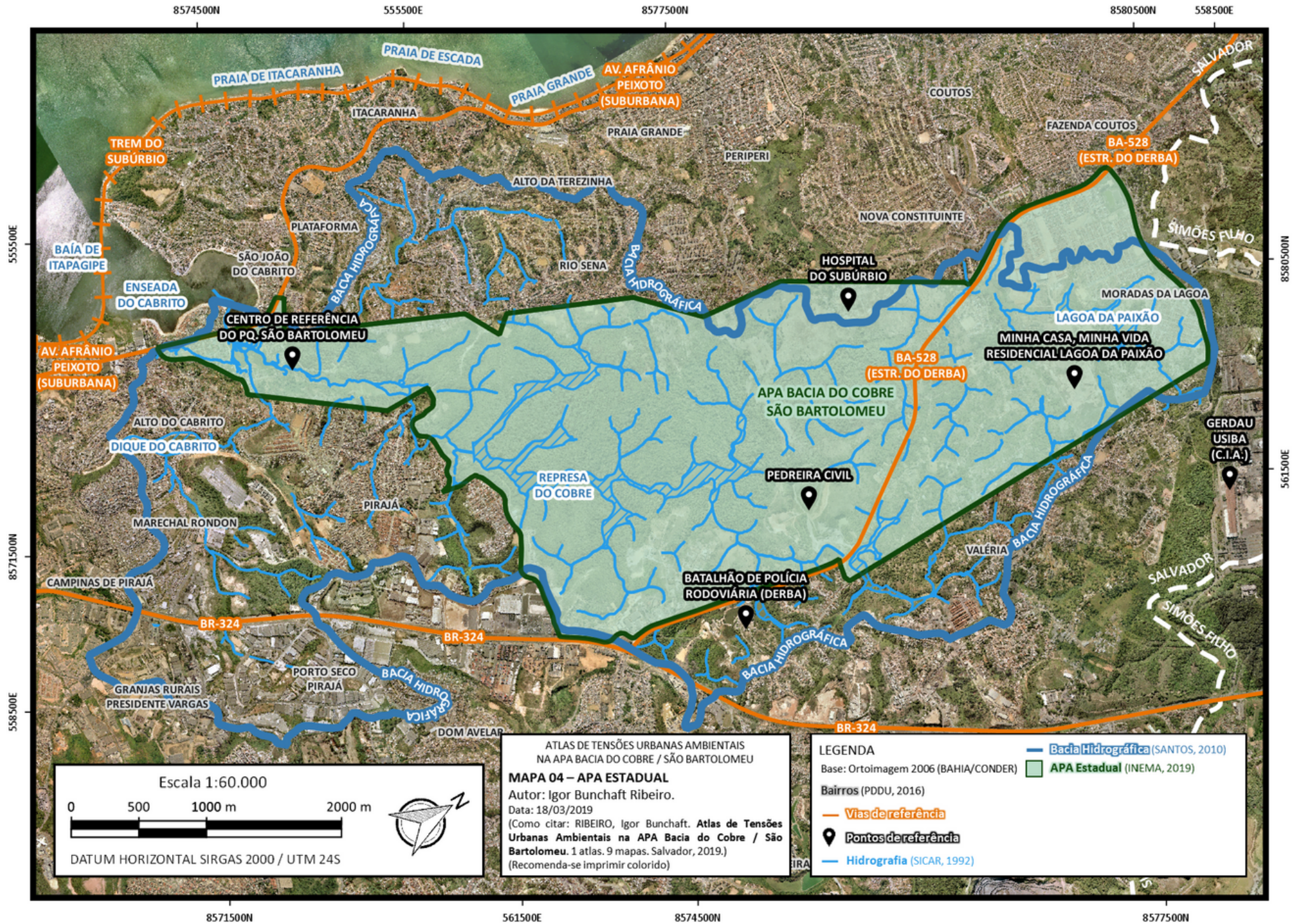
O Parque São Bartolomeu é um dos parques que compõem a Área de Proteção Ambiental Bacia do Cobre/São Bartolomeu. A APA se localiza entre as cidades de Salvador e Simões Filho, na Bahia e foi criada em 2001, por meio do Decreto nº 7.970, pelo Governo do Estado da Bahia¹.

Os objetivos para sua criação veio do interesse por preservar a qualidade das águas da Represa do Cobre e viabilizar uma zona de proteção dessa represa; Além disso, apresentou-se necessário disciplinar o uso e a ocupação do solo naquela área e, ainda, preservar e recuperar os ecossistemas de matas ciliares².

A seguir, mapa que ilustra a poligonal da APA, que inclui o Parque São Bartolomeu, o Parque Metropolitano de Pirajá e a Lagoa da Paixão.

¹ PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu - Resumo Executivo. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br>>. Acesso em 5 de janeiro de 2021

² DECRETO Estadual. Disponível em <<http://www.ceama.mpba.mp.br>> Acesso em 5 de janeiro de 2021



MAPA DA APA BACIA DO COBRE SÃO BARTOLOMEU 2019
 AUTORIA: IGOR BUNCHAFT RIBEIRO

Escala 1:60.000

0 500 1000 m 2000 m

DATUM HORIZONTAL SIRGAS 2000 / UTM 24S

ATLAS DE TENSÕES URBANAS AMBIENTAIS
 NA APA BACIA DO COBRE / SÃO BARTOLOMEU

MAPA 04 – APA ESTADUAL
 Autor: Igor Bunchaft Ribeiro.
 Data: 18/03/2019
 (Como citar: RIBEIRO, Igor Bunchaft. *Atlas de Tensões Urbanas Ambientais na APA Bacia do Cobre / São Bartolomeu*. 1 atlas. 9 mapas. Salvador, 2019.)
 (Recomenda-se imprimir colorido)

LEGENDA

Base: Ortoimagem 2006 (BAHIA/CONDOR)

Bairros (PDDU, 2016)

- Bacia Hidrográfica (SANTOS, 2010)
- APA Estadual (INEMA, 2019)
- Vias de referência
- 📍 Pontos de referência
- Hidrografia (SICAR, 1992)

Na APA se encontram remanescentes da Mata Atlântica da região, onde existem espécies da fauna com risco de extinção. Existem também cachoeiras, cascatas, rios, manguezais, lagos de barragens e áreas de relevo escarpado, tudo isso em uma extensão territorial de 1.134 ha³. Grande parte de sua área encontra-se no Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador, relacionando-se a diversos bairros do território, ao longo de sua extensão. A faixa correspondente ao Parque São Bartolomeu responde pela enorme riqueza ecológica e cultural - por sua Mata Atlântica, manguezal, áreas embrejadas e alagadiças (pântano), etc. e por suas áreas sagradas para o Povo de Santo (Candomblé e outros cultos), como as nascentes e cascatas de Nanã, Oxum, a nascente e a queda d'água de Oxumaré e as rochas da Pedra do Tempo e de Omolu.

A área tem sua história relacionada a povos indígenas e negros e é, desde sua origem, envolvida com a manutenção da vida de quem viveu em suas terras ao longo dos últimos séculos. A manutenção da vida, aqui, refere-se à possibilidade de alimentar-se do que é plantado no lugar, a possibilidade de poder se divertir naquele ambiente, a possibilidade de exercer sua religiosidade e enfim, a possibilidade de ser livre.

³ PARQUE São Bartolomeu atrai pessoas de todas as idades. Disponível em <<http://www.inema.ba.gov.br/2015/03/parque-sao-bartolomeu-atrai-pessoas-de-todas-as-idades/>> Acesso em 5 de janeiro de 2021

TUPINAMBÁ

O povo tupi vivia na maior parte do litoral do Brasil e tinha como característica a habilidade de ocupar novos territórios a partir de grandes e rápidos deslocamentos do grupo, que adaptava-se rapidamente aos novos espaços que encontravam. Tal habilidade fora conquistada a partir do conhecimento que essas pessoas tinham sobre o ambiente costeiro¹.

A zona costeira brasileira é caracterizada por ecossistemas de grande relevância ambiental. Em toda a extensão de sua costa alternam-se mangues, restingas, campos de dunas, estuários, recifes de corais, dentre outros ambientes tão importantes quanto. É nessa área que se localizam as maiores manchas da Mata Atlântica².

¹ SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. Presença indígena na Baía de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p.29-35. 25

² VITTE, Antonio Carlos. O litoral brasileiro: a valorização do espaço e os riscos socioambientais. Territorium, UNICAMP, Campinas, n 3, p. 61, 2003

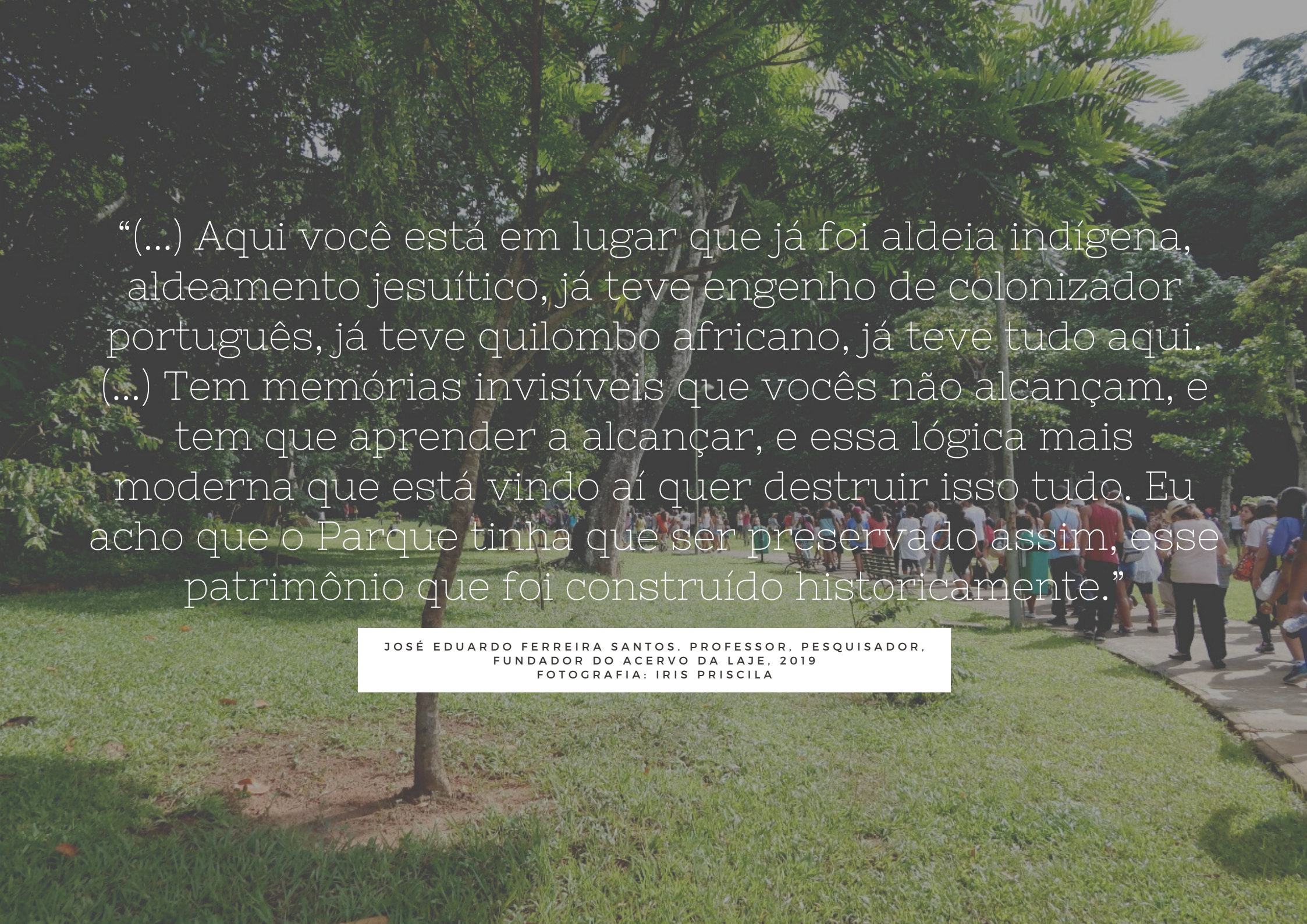
Em 1500 os Tupinambá haviam conquistado quase toda essa costa que possuía características muito favoráveis para manutenção de suas vidas: próxima do mar, mangues e matas, onde se tinha variedade de fauna e flora, que tornavam possível farta coleta de frutos, além da caça de animais de pequeno e médio porte.

Entre os alimentos que faziam parte da rotina dos Tupinambá e que era facilmente obtido nessas terras, havia a farinha de mandioca que, muito adequada a rotina de vida daquelas pessoas, tinha como característica fundamental o fato de ser pouco perecível, podendo ser guardada por muitos dias durante as viagens que eram recorrentes. A posse desse alimento permitia que os Tupi se deslocassem de uma roça a outra a 500 ou 600 quilômetros³.

O estilo de vida nômade fez parte da vida desses povos durante muito tempo. No entanto, houve um momento que alguns desses Tupinambá encontraram um local, na Baía de Todos os Santos, área litorânea do estado da Bahia, que lhes pareceu ideal para fixaram-se, visto que era um lugar de grande riqueza natural: No local existia cachoeiras, florestas, pântanos e morros. Os Tupinambá, estavam então diante de um lugar ideal para estabelecerem-se, pois era um ambiente que dialogava com o estilo de vida que eles carregavam, dessa forma aquelas pessoas se reconheceram no lugar e passaram a viver de forma sedentária nesse território que viria a se chamar São Bartolomeu⁴.

³ SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. Presença indígena na Baía de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p.29-35. 25

⁴ SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.



“(...) Aqui você está em lugar que já foi aldeia indígena, aldeamento jesuítico, já teve engenho de colonizador português, já teve quilombo africano, já teve tudo aqui. (...) Tem memórias invisíveis que vocês não alcançam, e tem que aprender a alcançar, e essa lógica mais moderna que está vindo aí quer destruir isso tudo. Eu acho que o Parque tinha que ser preservado assim, esse patrimônio que foi construído historicamente.”

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS. PROFESSOR, PESQUISADOR,
FUNDADOR DO ACERVO DA LAJE, 2019
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA

COLONIZADOR

A partir do século XV, os portugueses passaram a investir na expansão marítima a fim de encontrar novas terras¹. Nessa conjuntura eles desembarcam, nos anos 1500, nas terras onde os Tupinambá viviam. No entanto, além dos Tupinambá, que eram parte de um grupo chamado Tupi-Guarani - e que já eram muito diferentes entre si - haviam outros povos que também habitavam o território. A todos esses povos os portugueses deram um único nome: Índio.

É iniciado, então, um processo de ocupação, povoamento e organização da produção nas terras dominadas por portugueses. Sobre a motivação desses há uma vasta pesquisa na historiografia brasileira e para muitos autores seriam motivos políticos e econômicos².

¹ FAUSTO, Boris. História do Brasil. Edusp, São Paulo, 1996. Disponível em <[https://www.intaead.com.br/ebooks/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf)> Acesso em 7 de janeiro de 2021

² MENDES, Claudinei Magno Magre. A questão da colonização no Brasil: Historiografia e documentos. Imagens da Educação, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2012.

A chegada dos portugueses naquelas terras onde os Tupinambá e os outros povos estabelecera-se, iniciou um processo de mudanças que incluíam a assimilação de uma nova religião, do idioma, do direcionamento de bens conquistados, ou seja, as estruturas - a cultura - existente tornou-se inadequada e agora deveria sumir ou moldar-se à portuguesa.

Certa vez escrevi que a palavra Cultura, carrega não só a significação figurada do trabalho intelectual, mas também significações relacionadas ao cultivo e operações necessárias para que a terra produza³. Os Tupinambá tiveram que abdicar ou adaptar o cultivo físico, espiritual e intelectual de suas culturas para adaptarem-se e produzirem novas formas de viver, pensar, sentir... Conforme o interesse português.

³ SOUZA, Caroline Silva. A mediação cultural como suporte da arte enquanto espelho simbólico. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/412845588/A-Mediacao-Cultural-Como-Suporte-Da-Arte-Enquanto-Espelho-Simbolico>> Acesso em 10 de janeiro de 2021

Estando no litoral nordestino, aquela área onde os Tupinambá viviam fez parte da etapa inicial da colonização, visto que os fatores climáticos e as características do seu solo eram adequadas para implantação da cultura da cana-de-açúcar, atividade que tornou-se núcleo econômico central do Brasil-colônia no século XVI⁴.

Existem no parque, ruínas de uma antiga construção que muitos afirmam ser de um antigo engenho de cana⁵ cujo funcionamento acontecia onde hoje está localizada a Praça de Oxum, próximo à cachoeira que leva o mesmo nome.

Além da inserção do cultivo da cana-de-açúcar na economia, os portugueses desenvolveram um mecanismo jurídico administrativo para escravizar as populações nativas⁶ e, posteriormente, trouxeram àquelas terras pessoas do continente africano, também como escravizadas.

4 NARITOMI, Joana. Herança Colonial, Instituições & Desenvolvimento Um estudo sobre a desigualdade entre os municípios Brasileiros. PUC, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510685_07_pretextual.pdf>

5 SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.

6 SUCHANEK, Márcia Gomes O. Povos indígenas no Brasil: De escravos à tutelados. Uma difícil reconquista da liberdade. Confluências, Vol. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, outubro de 2012, p. 240 a 274.

ANTIGAS RUÍNAS

PARQUE SÃO BARTOLOMEU, 2019



Os escravos africanos eram majoritariamente negros e vinham do seu continente de origem em navios chamados "Navios Negreiros", sempre abarrotados e com péssimas condições de higiene. Quando enfim chegavam ao Brasil, eram usados em serviços domésticos e externos nas fazendas, sobretudo nas lavouras de cana-de-açúcar. Eram vistos como mercadorias, não como indivíduos com direitos. Essa conjuntura escravocrata confinou essas pessoas e seus descendentes a uma situação de subjugação iniciado no século XV e concluído no XIX.⁷

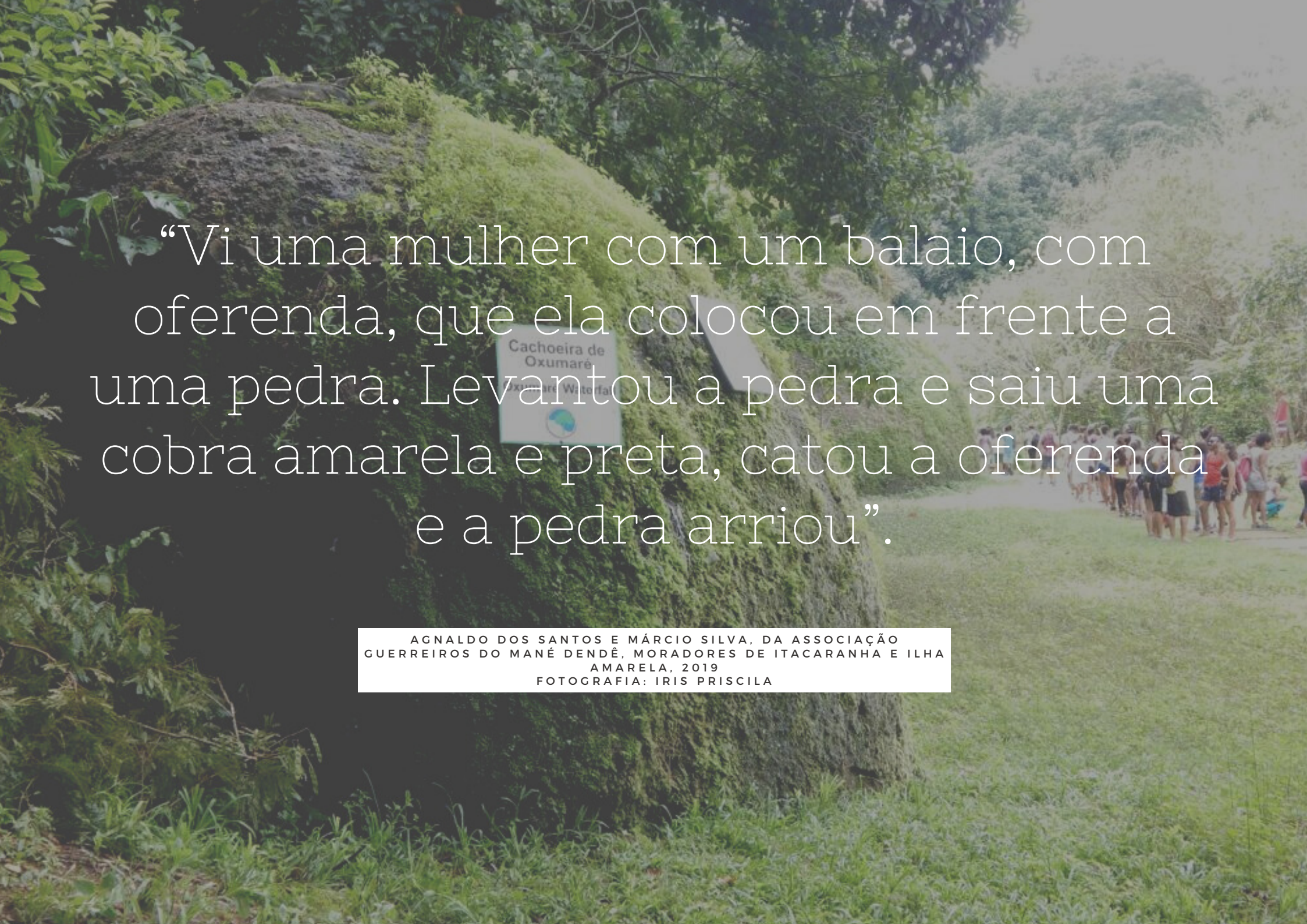
As pessoas vindas de África pertenciam a tribos diferentes e que quando chegaram às terras dominadas, foram separadas do seu grupo linguístico, cultural, e posteriormente misturados com outros grupos de tribos distintas, para que não se comunicassem.⁸ A cor era um aspecto que eles tinham em comum e seus fenótipos os diferenciavam das demais pessoas que vivam naquelas terras, logo, a cor negra fora diretamente associada a condição de escravo.

O envolvimento entre as culturas dos "índios", portugueses vindos do continente europeu e negros vindos do continente africano é a base do processo de formação social brasileiro. Essa mistura de cultura pode ser constatada inclusive no nome do Parque "São Bartolomeu", que denota um sincretismo, onde o santo católico de religiosidade europeia, São Bartolomeu é sincretizado com uma divindade pertencente a religiosidade africana, do Candomblé, representada pela serpente e pelo arco-íris, Oxumaré/Oxumarê, Bessen ou Angolomeian/Angorô.⁹

7 SILVA, Nicoli de Souza da. Trabalho escravo contemporâneo: a (in)eficácia da fiscalização do Ministério Público do Trabalho e a adoção do Compliance como medida preventiva. 2019. 59 f. Monografia (Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais). Curso de Direito. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019.

8 GARAEIS, Vítor Hugo. A História da Escravidão Negra no Brasil. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>> Acesso em 14 de janeiro de 2021

9 PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu - Resumo Executivo. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2018-08/Plano%20de%20Manejo%20do%20Parque%20São%20Bartolomeu.PDF>> . Acesso em 20 de janeiro de 2021



“Vi uma mulher com um balaio, com oferenda, que ela colocou em frente a uma pedra. Levantou a pedra e saiu uma cobra amarela e preta, catou a oferenda e a pedra arriou”.

AGNALDO DOS SANTOS E MÁRCIO SILVA, DA ASSOCIAÇÃO
GUERREIROS DO MANÉ DENDÊ, MORADORES DE ITACARANHA E ILHA
AMARELA, 2019
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA

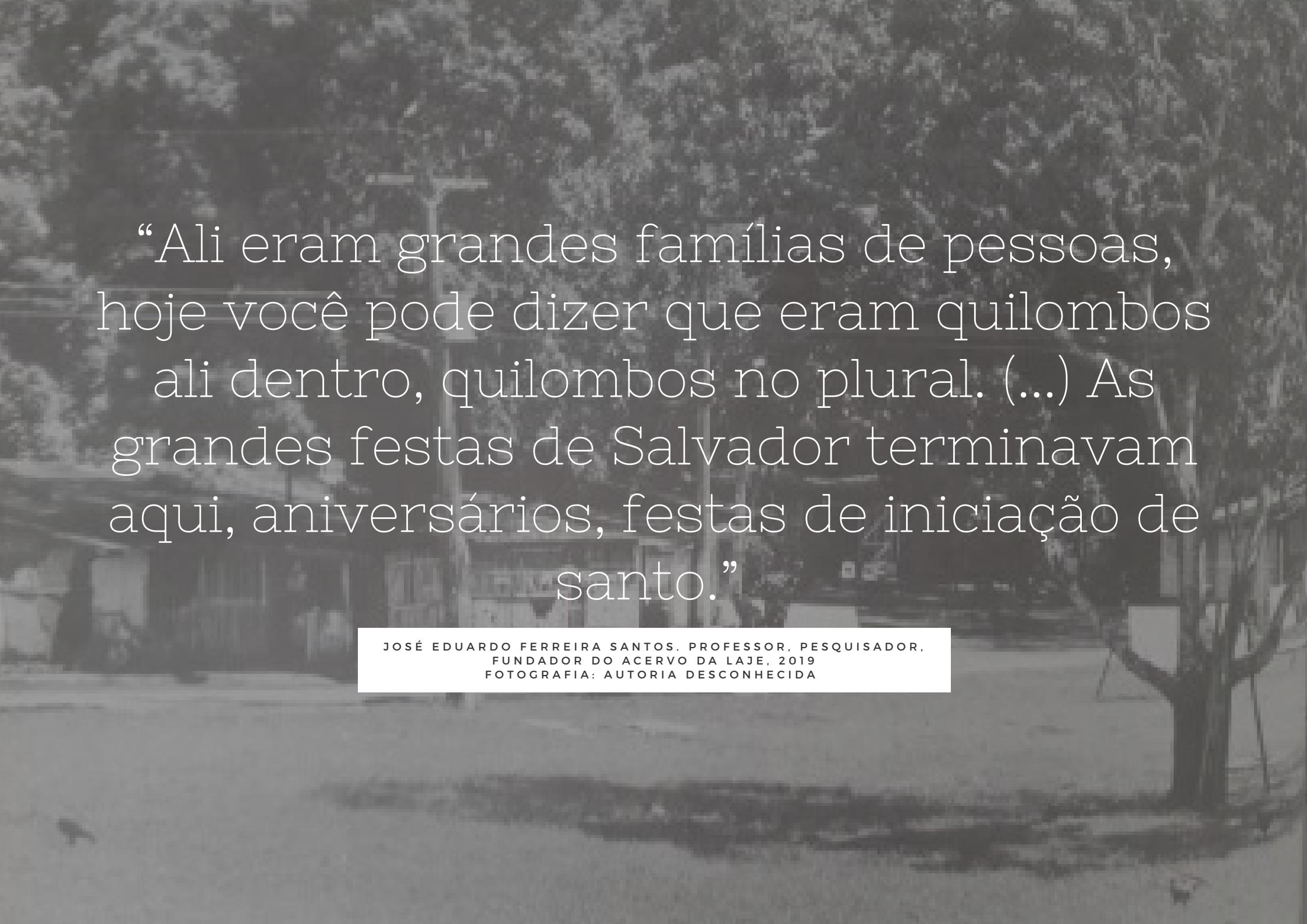
QUILOMBOLAS

Havia outro nome pelo qual o São Bartolomeu fora conhecido durante o século XIX: Floresta do Urubu, nome dado pelas pessoas que ali viveram após fugirem da escravidão¹. Isso porque, frente a opressão constante que o sistema escravagista impunha aos escravizados, houveram diversas respostas por parte das pessoas que estavam naquela condição e, durante o período as fugas foram uma constante por parte dos escravizados. Nessa conjuntura a ideia de "quilombo" toma forma e destaque.

A primeira vez que o termo “Quilombo” aparece em um documento oficial português em 1559, sendo que apenas em 2 de dezembro de 1740 eles definem a palavra como "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles". Definição que vem após o aumento de grupos de pessoas negras livres do domínio colonial².

¹ SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.

² NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Afrodíaspóra: Revista do mundo negro. Nº 6-7. Ipeafro, 1985. pp. 41-49



“Ali eram grandes famílias de pessoas, hoje você pode dizer que eram quilombos ali dentro, quilombos no plural. (...) As grandes festas de Salvador terminavam aqui, aniversários, festas de iniciação de santo.”

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS. PROFESSOR, PESQUISADOR,
FUNDADOR DO ACERVO DA LAJE, 2019
FOTOGRAFIA: AUTORIA DESCONHECIDA

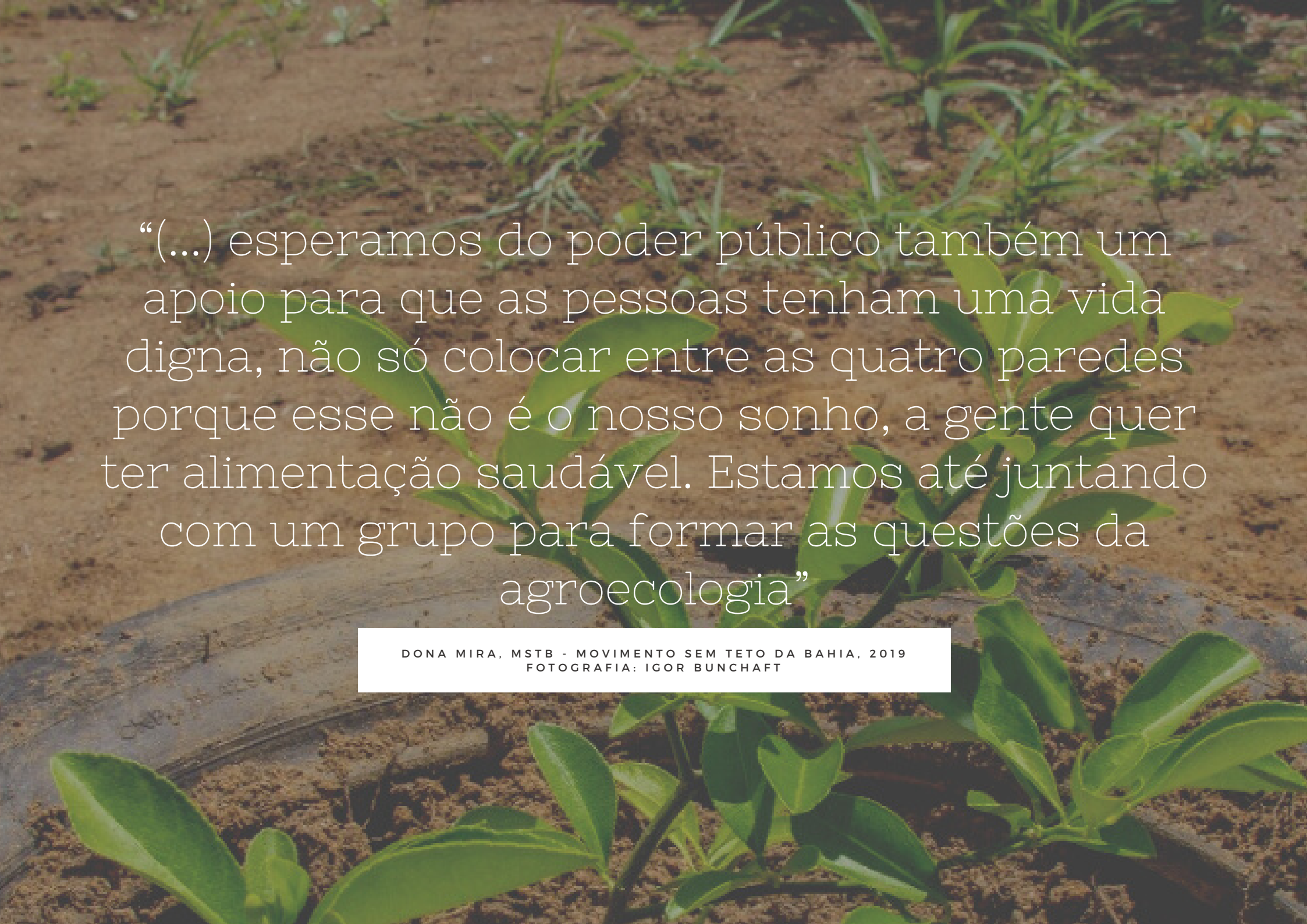
No contexto de fugas e formação de quilombos, nasce em torno do ano de 1826, o quilombo do Urubu, cuja liderança era exercida por Zeferina, mulher negra escravizada de origem angolana. Zeferina recebeu títulos de rainha, chefe, quilombola, e guerreira, ligada a uma casa de Candomblé no centro do Quilombo do Urubu³.

Estando no quilombo aquelas pessoas viviam de forma distinta da vida levada nos latifúndios portugueses, pois na floresta “se plantava de tudo”, ou seja, existia alimento em abundância e muitas árvores frutíferas que serviam aquelas pessoas como alimentação diária e também fonte de renda, pois o que sobrava da colheita podia ser trocado com outras aldeias⁴.

A Floresta do Urubu apresentou-se como um espaço apto para receber um quilombo, visto que possuía os aspectos físicos necessários para manutenção daquelas pessoas, como fora desde à época de habitação majoritariamente indígena.


3 BARBOSA, Sílvia Maria Silva. The Power of Zeferina in the Quilombo of Urubu. An historical, political-social reconstruction. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Socie) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

4 SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.



“(...) esperamos do poder público também um apoio para que as pessoas tenham uma vida digna, não só colocar entre as quatro paredes porque esse não é o nosso sonho, a gente quer ter alimentação saudável. Estamos até juntando com um grupo para formar as questões da agroecologia”

DONA MIRA, MSTB - MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA, 2019
FOTOGRAFIA: IGOR BUNCHAFT

A photograph of a green watermelon resting on a bed of dry straw and green vegetation. The watermelon is the central focus, surrounded by a mix of brown, dried plant matter and vibrant green leaves and stems. The lighting is natural, highlighting the textures of the watermelon's rind and the surrounding environment.

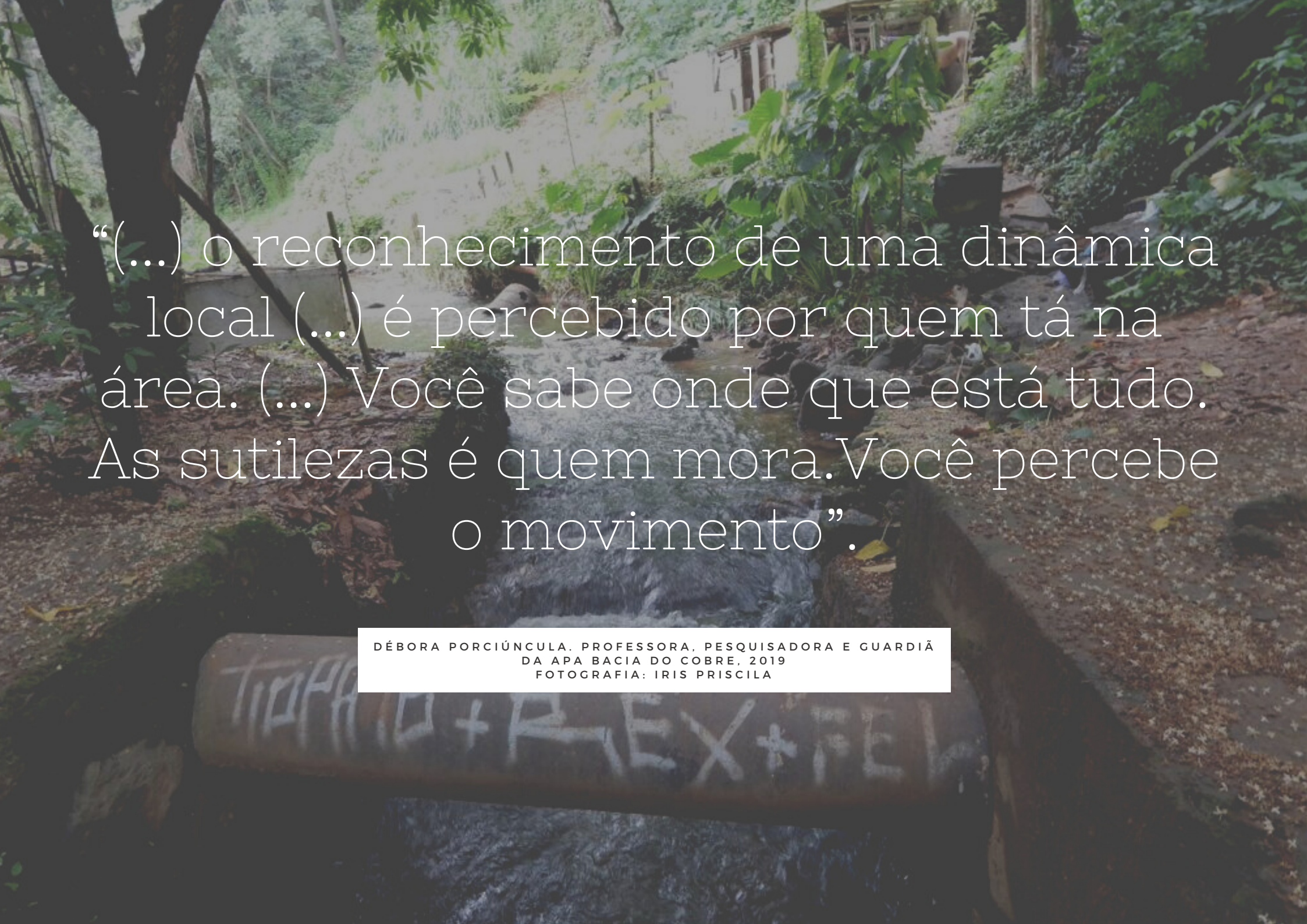
“(...) o extrativismo vegetal, a cata de frutas, agora mesmo está na época de cajá. A quantidade de frutas que eles tiram dali é um negócio assim, sabe? (...) isso é algo que é compartilhado por todos os moradores das duas bordas, tanto da borda leste quanto da oeste”.

DÉBORA PORCIÚNCULA, GUARDIÃ DA APA BACIA DO COBRE, 2019
FOTOGRAFIA: IGOR BUNCHAFT

Para além de Indígenas e negros que refugiavam-se no quilombo da Floresta do Urubu, havia ainda, muitas outras pessoas que não eram aceitas pela sociedade da época e que refugiavam-se no local. Ali, formaram-se famílias composta por pessoas brancas, cafuzas, mulatas, morenas, loiras, além das negras e indígenas. Tornou-se um lugar possível de se constituir uma família e trabalhar livremente, sendo o sonho de qualquer pessoa escrava ou rejeitada socialmente naquele período. As terras eram cobiçadas inclusive por fazendeiros que desejavam tomá-la através da grilagem, uma vez que eram terras férteis e já trabalhadas.⁵

A respeito da localização exata do quilombo existem divergências. Algumas fontes afirmam que o quilombo existiu onde hoje está localizado Parque Metropolitano de Pirajá. Outras fontes informam que a Floresta do Urubu estaria localizada no Parque São Bartolomeu, logo, o quilombo teria existido nesse parque.

5 BARBOSA, Silvia Maria Silva. O poder de Zeferina no Quilombo do Urubu: uma reconstrução histórica político-social.. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Socie) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.



“(...) o reconhecimento de uma dinâmica local (...) é percebido por quem tá na área. (...) Você sabe onde que está tudo. As sutilezas é quem mora. Você percebe o movimento”.

DÉBORA PORCIÚNCULA. PROFESSORA, PESQUISADORA E GUARDIÃ
DA APA BACIA DO COBRE, 2019
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA


O povo negro que chegou ao São Bartolomeu veio de diferentes regiões do continente africano e de lá trouxeram cultura em diversos aspectos. A religiosidade é um dos aspectos que mais revelam a presença ancestral negra no território.

Quando aquelas pessoas chegaram ao Brasil, toda sua bagagem religiosa foi reorganizada de formas que nos concedeu hoje o que chamamos de Candomblé⁶. Com isso, a presença negra quilombola presente no São Bartolomeu deixou um legado afro religioso que tornou-se, ao longo dos séculos, parte indissociável ao território, que teve terreiros de Candomblé edificadas em suas terras.

Chamamos de Terreiro de Candomblé, Roça e Casa de Santo os espaços utilizados para realização de culto das divindades africanas, conhecidas como Orixás.⁷

⁶ PINTO, Valdina. Angolomeian-Bessen-Oxumarê. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 52-55.

⁷ LOBO, Graça (org.). Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2015.



Minha conexão com o lugar se dá por meio da espiritualidade e ancestralidade, já que sou praticante das religiões afrobrasileiras (candomblé e umbanda) e filho de Oxumarê (orixá que é associado a São Bartolomeu, portanto, patronos do Parque). Pra mim o momento mais marcante foi me deparar com a cachoeira de Oxumarê, sentir o axé do orixá nesse ponto de força da natureza, e ao mesmo tempo me confrontar com a poluição desse e outros mananciais sagrados do Parque, a exemplo da cachoeira de Oxum.

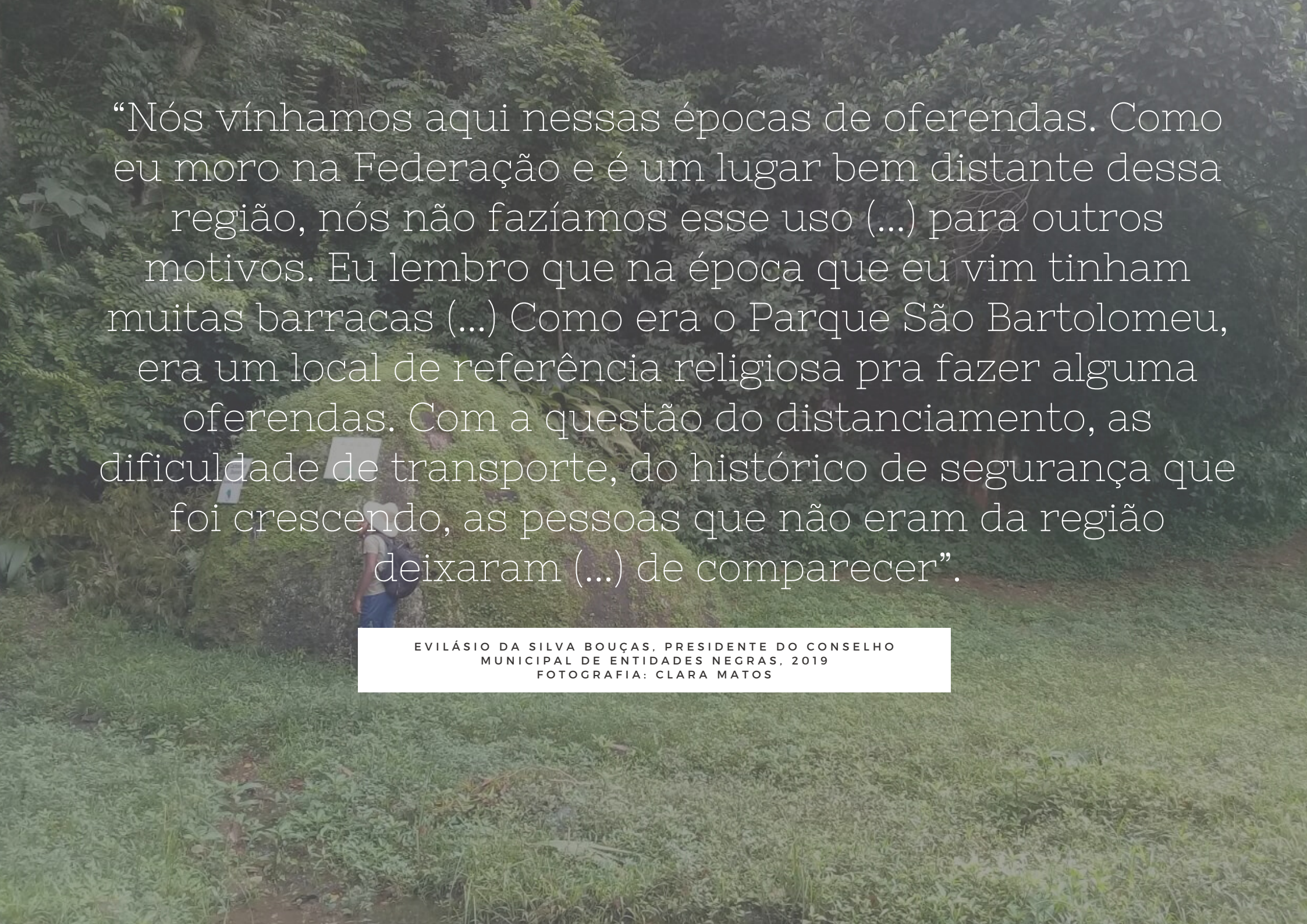
LUIS GUILHERME CRUZ PIRES, VISITANTE DO PARQUE, 2021
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA

Além das práticas religiosas de matriz africana, dentro do Quilombo do Urubu existia também as práticas religiosas indígenas cujo nome era "Pajelança". Ambas as celebrações, negras e indígenas, contavam com a comunicação de espíritos ancestrais, o que gerou uma união de ritos e, desse encontro, nasceu o candomblé de caboclo.⁸

É possível encontrar a influência do candomblé nos aspectos materiais e imateriais dentro do São Bartolomeu. Alguns pontos são considerados sagrados pelos praticantes da religião, que utilizam os recursos naturais para prática de culto, que podem envolver sacrifícios, oferendas aos deuses, romarias às cachoeiras sagradas e a coleta de plantas rituais na área do Parque, o que indica uma grande ligação da religião com a natureza.⁹ Ou seja, além dos terreiros que já existiram no local, o parque como um todo é considerado sagrado para o chamado "Povo de Santo", o que pode ser percebido inclusive pela prática que nomear espaços, pedras e cachoeiras com os nomes das divindades relacionadas a esses locais.

8 BARBOSA, Sílvia Maria Silva. The Power of Zeferina in the Quilombo of Urubu. An historical, political-social reconstruction. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Socie) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

9 SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.

A person with a backpack is walking on a dirt path through a dense, green forest. The path is narrow and appears to be a natural trail. The surrounding vegetation is thick and lush, with various shades of green. The lighting is soft, suggesting an overcast day or a shaded area within the forest. The overall atmosphere is serene and natural.

“Nós vínhamos aqui nessas épocas de oferendas. Como eu moro na Federação e é um lugar bem distante dessa região, nós não fazíamos esse uso (...) para outros motivos. Eu lembro que na época que eu vim tinham muitas barracas (...) Como era o Parque São Bartolomeu, era um local de referência religiosa pra fazer alguma oferendas. Com a questão do distanciamento, as dificuldade de transporte, do histórico de segurança que foi crescendo, as pessoas que não eram da região deixaram (...) de comparecer”.

EVILÁSIO DA SILVA BOUÇAS, PRESIDENTE DO CONSELHO
MUNICIPAL DE ENTIDADES NEGRAS, 2019
FOTOGRAFIA: CLARA MATOS

Existem no parque três cascatas que são chamadas de Nanã, Oxum e Oxumaré, cada. Existem também, duas pedras, chamadas de Pedra do Tempo e Pedra de Omulu. É importante ressaltar, ainda, a importância das matas, relacionadas a Ogun, Oxossi e Ossain e também a presença dos caboclos brasileiros. Além disso, uma praça no local é chamada Praça de Oxum, cuja fotografia encontra-se na página 4.

Nanã Buruku é uma divindade de aspecto maternal, feminina, associada ao princípio da existência. É ligada a agricultura, grãos, fertilidade, a terra úmida e a lama. Já Oxum é uma divindade que no Brasil é associada a todos os rios, córregos e cascatas, além de ser, também, relacionada a fertilidade; Oxumaré é uma divindade que representa movimento, ação, obstinação e perseverança. É simbolizado por uma serpente e um arco-íris.

Sobre Tempo existe algumas divergências. Há quem acredite que ele corresponda a Oxossi, deus da caça, mas há quem acredite que trata-se do tempo meteorológico. Já Ogun é o patrono da guerra e metais; Ossain se relaciona a vegetação¹¹ e Omulu é a divindade da cura e da doença¹².

10 LIMA, Vivaldo da Costa. Oferendas e sacrifícios: uma abordagem antropológica. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p.57-66.

11 SERPA, Ângelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o parque São Bartolomeu. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 67-80.

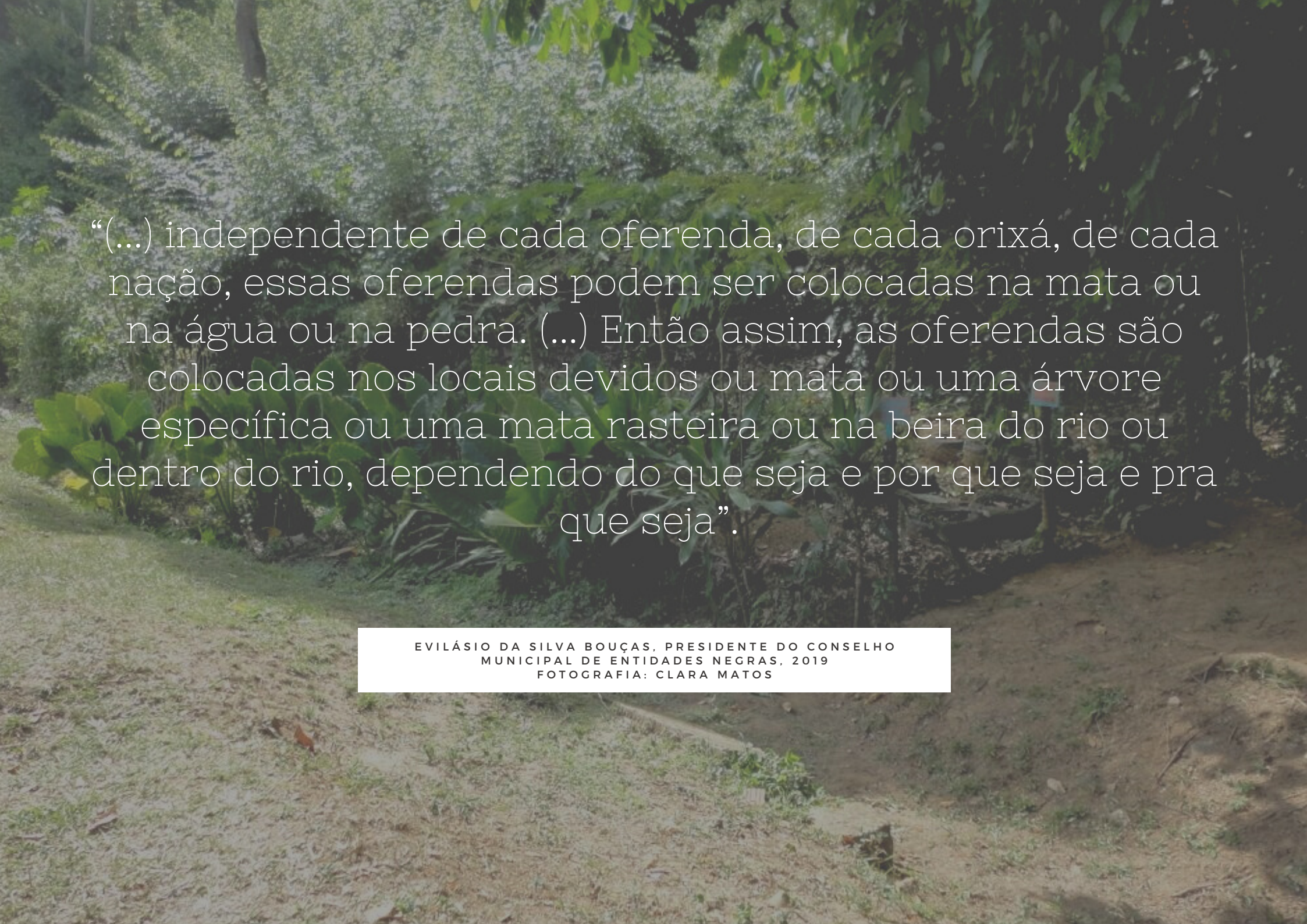
12 GUIMARÃES, Samuel Novaes. Obaluáê, o médico entre os orixás. Trabalho de Conclusão de Curso. 2017, 11f. (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/SAMUEL-NOVAES-GUIMARÃES.pdf>> Acesso em 25 de março de 2021

O processo de desenvolvimento do candomblé no Brasil envolveu mais de um grupo étnico que, reuniram seus aspectos culturais mais predominantes e originaram o que podemos chamar de nações. Dessa forma, os negros trazidos do Dahomé originaram a nação Gêge e Savalu, que foi um reino nagô dominado pelo daomeanos; Já os trazidos da Nigéria deram origem a nação Ketu e Ijexá; E os trazidos do reino do Kongo, onde hoje está Angola, deram origem a nação Angola¹³. Nesse contexto, cada terreiro de candomblé se identifica com uma nação.

Um mapeamento dos terreiros de Salvador realizado em 2016 pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia, aponta cerca de 97 terreiros presentes em áreas imediatamente próximas do São Bartolomeu, entre eles, 41 pertencentes à nação Angola, 1 Angola Bantu, 1 Bantu, 2 Ijexá, 1 Jêje, 1 Jêje Savalu, 94 Ketu, 2 Keto Angola e 1 Keto Ijexá¹⁴.

13 PINTO, Valdina. Angolomeian-Bessen-Oxumaré. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p. 52-55.

14 MAPEAMENTO dos Terreiros de Salvador. Disponível em <www.terreiros.ceao.ufba.br>. Consultado em 14 de fevereiro de 2020.



“(...) independente de cada oferenda, de cada orixá, de cada nação, essas oferendas podem ser colocadas na mata ou na água ou na pedra. (...) Então assim, as oferendas são colocadas nos locais devidos ou mata ou uma árvore específica ou uma mata rasteira ou na beira do rio ou dentro do rio, dependendo do que seja e por que seja e pra que seja”.

EVILÁSIO DA SILVA BOUÇAS, PRESIDENTE DO CONSELHO
MUNICIPAL DE ENTIDADES NEGRAS, 2019
FOTOGRAFIA: CLARA MATOS

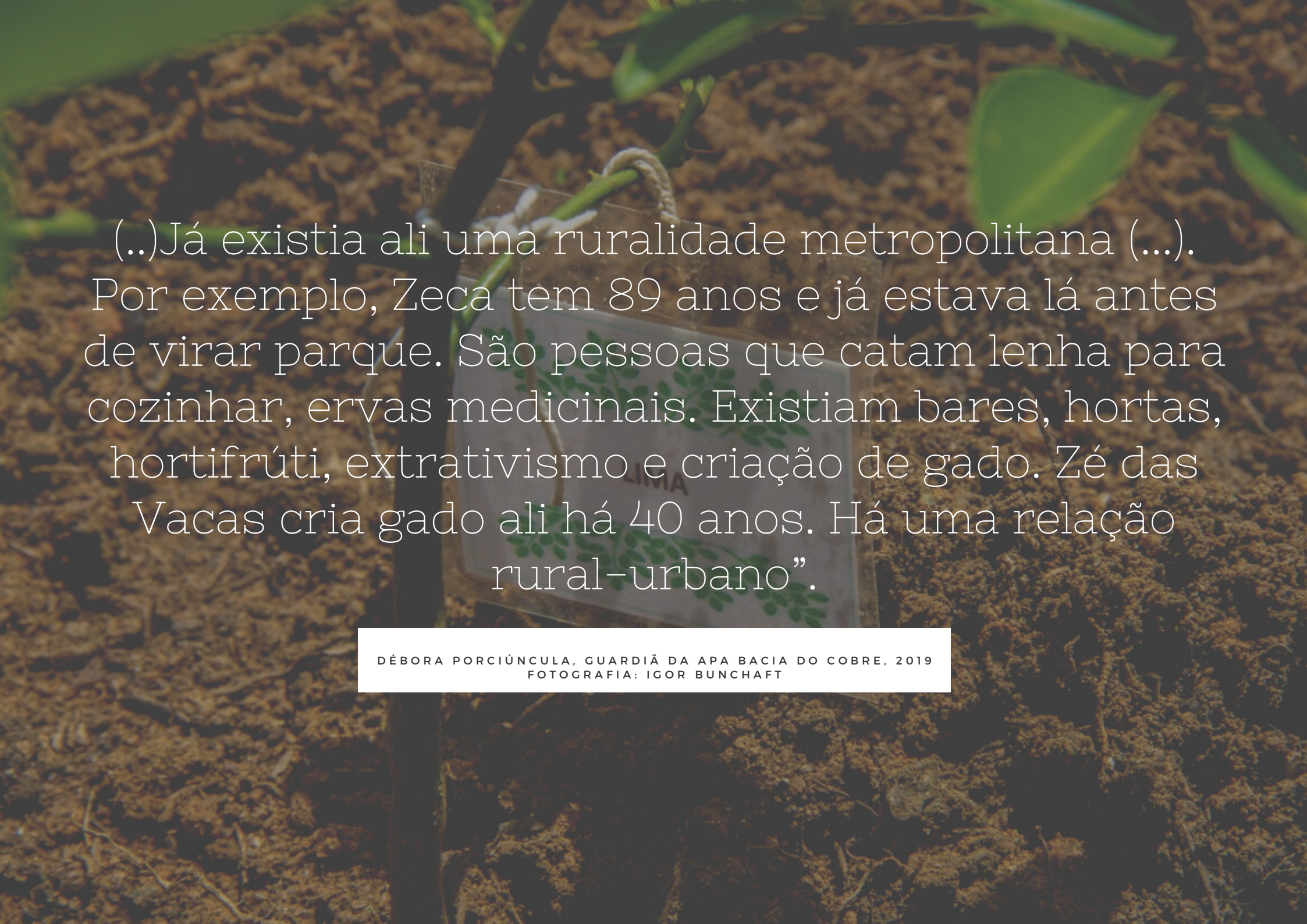
DESCENDENTES E RECÉM CHEGADOS

O São Bartolomeu ou a Floresta do Urubu, estava localizada em uma faixa que os portugueses chamavam de Ribeira do Pirajá, que corresponde ao atual bairro da Ribeira, na entrada da Enseada dos Tainheiros, até o bairro de Pirajá¹. Ao longo de sua história, essa região fora ocupada por engenhos, escolas e igrejas jesuítas e a consolidação do sistema de monocultura da cana de açúcar na colônia viabilizou transformações na paisagem da região¹.

Porém, no final do século XIX e início dos XX a área seguia com poucas alterações em sua paisagem e além da urbanização que se formou ao longo da linha férrea construída em 1860, não havia grandes transformações. Dessa forma, o local ainda possuía fortes características e usos rurais².

¹SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. A Presença indígena na Baía de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p.29-35.

² PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu - Resumo Executivo. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2018-08/Plano%20de%20Manejo%20do%20Parque%20São%20Bartolomeu.PDF>>. Acesso em 10 de janeiro de 2021



(..)Já existia ali uma ruralidade metropolitana (...). Por exemplo, Zeca tem 89 anos e já estava lá antes de virar parque. São pessoas que catam lenha para cozinhar, ervas medicinais. Existiam bares, hortas, hortifrúti, extrativismo e criação de gado. Zé das Vacas cria gado ali há 40 anos. Há uma relação rural-urbano”.

DÉBORA PORCIÚNCULA, GUARDIÃ DA APA BACIA DO COBRE, 2019
FOTOGRAFIA: IGOR BUNCHAFT

Esse cenário passa a mudar em 1929, a partir de dois acontecimentos: o primeiro é quando o Governo do Estado da Bahia constrói a Barragem do Cobre, um sistema de abastecimento de água de Salvador e o segundo é quando o estado adquire cerca de 4.6092.057 m² de terrenos que até então pertencia à Cia. Grande parte desta área encontrava-se na vertente noroeste da Barragem do Cobre, local que ainda é marcado pela existência de Mata Atlântica³.

Os anos 1940 trouxeram mudanças ao estado da Bahia que ocasionaram transformações na estrutura econômica, social e física da cidade de Salvador, pois a partir desse período começa um processo de migração de uma quantidade relevante de trabalhadores rurais para a cidade.

Aquelas pessoas tinham por objetivo conseguir melhores condições de vida e isso gerou um crescimento populacional de 43,65% entre 1940 e 1950, passando de 290.443 habitantes em 1940 para 417.000 habitantes em 1950, mudança complexa para uma cidade que desde a década de 20 não viveu grandes mudanças nesse sentido⁴.

³ PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu - Resumo Executivo. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2018-08/Plano%20de%20Manejo%20do%20Parque%20São%20Bartolomeu.PDF>>. Acesso em 10 de janeiro de 2021

⁴ CARVALHO, Eduardo Teixeira de. Os Alagados da Bahia: Intervenções Públicas e Apropriação Informal do Espaço Urbano. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia - FAUFBA (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). Salvador, 2002.

As décadas de 70, 80 e 90 foram períodos marcados por resultados de dois movimentos migratórios relevantes para a situação urbana soteropolitana: a ocupação informal em Alagados - localizado na cidade baixa, na Enseada dos Tainheiros - e Novos Alagados - cuja localização é subdividida onde hoje conhecemos como São João do Cabrito e Boiadeiro. Sendo esse último especialmente relevante para a história do São Bartolomeu. Ambos eram formados por habitações construídas sobre o mar, sustentadas por estacas de madeira, as chamadas “Palafitas”³.

Alagados foi um aglomerado de palafitas iniciado nos anos 40. A partir disso, nasce também Novos Alagados, na década de 1970, com o mesmo contexto e habitado por uma população formada em sua maioria migrantes ou filhos de migrantes do interior da Bahia que escolheram a área para morar devido à proximidade da Av/ Suburbana e pelo fácil acesso a algumas indústrias que se localizavam na área⁴.

³ A TARDE, Jornal. Novos Alagados surge no início da década de 70. Disponível em <<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1271544-novos-alagados-surge-no-inicio-da-decada-de-70>> Acesso em 20 de março de 2021

⁴ SOARES. Antonio Mateus de C. Territorialização e pobreza em Salvador - BA. Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(2): 17-30 dezembro - 2006

NOVOS ALAGADOS

SÃO JOÃO DO CABRITO

FOTOGRAFIA: JOSÉ EDUARDO FERREIRA



NOVOS ALAGADOS

SÃO JOÃO DO CABRITO

FOTOGRAFIA: JOSÉ EDUARDO FERREIRA




SUBURBANAS, SUBURBANOS

Suburbanos” é como são chamadas as pessoas que vivem em bairros transpassados pela Avenida Afrânio Peixoto - Avenida Suburbana, localizada na parte noroeste do município de Salvador. Os 13,4 quilômetros da via ligam diversos bairros, entre eles Plataforma e comunidades que surgiram em torno de Plataforma: São João do Cabrito, São Braz, Alto do Bariri, Conjunto Senhor do Bonfim e Planalto Real. A criação atraiu mais pessoas para as imediações dos bairros citados e, muitas vezes de forma irregular, esse movimento cristalizou no território um grande adensamento habitacional; Dessa forma, configura-se como entorno imediato do São Bartolomeu, os bairros de Plataforma, Ilha Amarela e Rio Sena, e do outro lado Pirajá. Existe ainda, uma localidade chamada de Boiadeiro, já citada, e que é muitas vezes entendida como parte de Plataforma¹.

A avenida Suburbana, estabelecida no início da década de 1970, tornou-se o principal acesso ao São Bartolomeu².

¹ OLIVEIRA, O marco zero do subúrbio. Disponível em <<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1271681-o-marco-zero-do-suburbio>>. Acesso em 20 de janeiro de 2021

² PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/index.php/biblioteca/plano-de-manejo-do-parque-sao-bartolomeu>> Acesso em 05 de janeiro de 2021



“Naquela época era tudo mato, não tinha muitas casas. As casas que existiam dentro do parque eram mais para dentro, e tinha alguns barracões de candomblé. Era tudo muito limpo e a gente ia pegar frutas. As pessoas foram construindo casinhas e também abriram aquela estrada [Ligação Pirajá-Suburbana]. As coisas também mudaram depois que invadiram a Maré, vieram muitas pessoas de fora pra cá”.

ANA MARIA, MORADORA DO BAIRRO DE PLATAFORMA, VIVEU
TAMBÉM EM NOVOS ALAGADOS, 2021
FOTOGRAFIA: JOSÉ EDUARDO FERREIRA

ANTIGA MATÉRIA EXPÕE RELAÇÃO
ENTRE O PARQUE E NOVOS
ALAGADOS.
FONTE: WWW.ACERVODALAJE.COM.BR

4 JORNAL DA BAHIA

CIDADE

Salvador, Quarta-feira, 29 de setembro de 1993

ECOLOGIA

POLEMICA EM SÃO BARTOLOMEU

**VISITA OFICIAL
AO PARQUE DEIXOU
CLARO OS MUITOS
PROBLEMAS QUE
A ÁREA POSSUI**

A crescente ocupação das áreas do Parque São Bartolomeu, com a ocorrência de redutos de marginais, vem preocupando cada vez mais as entidades ecológicas que acompanham a degradação da reserva. Um dos principais motivos que dificultam a preservação do local, na opinião de José Augusto Saraiva, administrador do Parque, está na delimitação da área. As invasões são constantes e a falta de segurança afasta os visitantes, turistas e religiosos que procuram o local para "despachos".

"Como nós não temos polícia municipal, ficamos dependendo do governador para colocar policiamento no Parque", diz. Saraiva conta com apenas 23 funcionários trabalhando no Parque, quando seriam necessários 35. Ele já solicitou à Prefeitura um concurso para contratação de novos trabalhadores.

A Comissão de Meio-Ambiente da Câmara Municipal de Salvador, presidida pelo vereador Javier Alfaya, visitou



Javier Alfaya, Saraiva, defensores do verde e moradores, na pergunta muda: "que fazer?"

ontem o Parque São Bartolomeu, para constatar as condições de preservação e ocupação do local. Representantes da Associação de Amigos do Parque São Bartolomeu e Pirajá, e de Associação Primeiro de Maio, acompanharam o vereador, colocando suas sugestões. As duas entidades estão em oposição e defendem propostas diferentes para o Parque.

Saraiva pretende, além de cercar a área, construir um horto, um banco de sementes e um

herbário, para estudar as espécies do local. Ele lembra que os 750 hectares do Parque se interligam aos 1.550 hectares do Parque Metropolitano de Pirajá, onde fica a represa do Cobre, que fornece água para 100 mil pessoas, sob responsabilidade da Embasa. Para a relocação das famílias que habitam o parque deverá ser seguido um programa de cadastramento, feito pela atual Superintendente da Sumac Maria Del Carmen, em 1990. Aquelas que não estive-

rem cadastradas deverão ser expulsas, segundo as ordens do secretário de meio-ambiente, Juca Ferreira.

O vereador Javier Alfaya se prontificou a organizar um debate entre as entidades envolvidas, para analisar o problema não só do ponto de vista da preservação, mas habitacional, levando em conta as famílias que habitam o Parque. "Não dá para retirar todo mundo só para deixar tudo verde", disse.

O MANGUE DO PARQUE

No centro das discussões da preservação do Parque está a questão do aterramento dos manguezais. Duas entidades, a Associação Primeiro de Maio — representante da favela dos Novos Alagados — e os amigos do Parque São Bartolomeu, divergem sobre a melhor solução, e o caso já foi parar até na Justiça.

A Primeiro de Maio defende o aterramento de 20 mil m² de mangue, para evitar os acidentes (cerca de 20 por dia) registrados nas palafitas e melhorar as condições dos favelados que vivem no meio da lama e do lixo. A associação tem o apoio do Cardeal Dom Lucas Mo-

reira Neves e o apoio financeiro da Associação Voluntária para Serviços Internacionais, a AVSI, com sede na Itália, que se dispôs a custear 50% do projeto de urbanização, orçado em US\$12 milhões.

Os amigos do Parque, que entram com recurso no Ministério Público para impedir a execução do projeto, defendem a preservação do mangue como fonte de subsistência, e propõem um debate para chegar a uma proposta comum. A entidade denuncia que a Primeiro de Maio está manipulando a população para impor o que considera melhor.



A dúvida é aterrar ou manter essa fonte de sobrevivência

Angela Decálio

A chegada de todos os acontecimentos já citados permitiu que mais pessoas passassem a fazer parte do cotidiano São Bartolomeu, sobretudo a partir da década de 1970, quando a área começa a passar por mudanças muito significativas em seus aspectos físicos e sociais. O adensamento urbano foi uma das mudanças mais significativas, pois a partir disso outras questões foram desencadeadas, como problemas ambientais e diversos problemas sociais. Paulatinamente o adensamento se intensificou, chegando à área do São Bartolomeu que cada dia mais diminuía em tamanho, tornando-se muito menos vasta que anteriormente¹.

No ano de 1974, o então São Bartolomeu passa a ser pensado como uma área de parque e, a partir do Decreto Municipal de desapropriação nº 4.590, de 21 de fevereiro é iniciado o processo de transformação do São Bartolomeu em Parque São Bartolomeu².

¹ CORDEIRO, Milai Rodrigues Alves. Estudo da influência da urbanização na condição hídrica da bacia do Rio do Cobre -Salvador-Bahia

² PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/index.php/biblioteca/plano-de-manejo-do-parque-sao-bartolomeu>> Acesso em 05 de janeiro de 2021

No entanto, é quando ocorre o Decreto Municipal nº 5.363, de abril de 1978, que são oficialmente reconhecidos os valores científicos, ambientais, históricos, culturais, educativos, religiosos e turísticos do lugar que foi considerado portador da maior reserva de Mata Atlântica urbana dentro da cidade de Salvador. Conforme os registros da SEDUR e do Plano de Manejo do Parque São Bartolomeu, no momento de sua criação, o parque tinha uma área de 75 ha sendo posteriormente anexado ao Sistema de Áreas Verdes e Espaços Abertos de Salvador, pelo Decreto Municipal nº 4.756 de 13/03/1975, na categoria de “Área de Domínio Público Não Edificável”. Esse reconhecimento evidencia a relevância do parque, porém, esse reconhecimento do território não possui tanta projeção na cidade³, sobretudo nos anos que sucederiam tais decretos.

Atualmente, além da pouca projeção na cidade que ocasiona o descaso ou completo desconhecimento da existência do Parque, há ainda o problema social relacionado a violência que afasta, também, moradores do território.

Dessa forma, os acontecimentos violentos nas terras e entorno do Parque, bem como o descaso frente a isso por parte do poder público e ainda o abandono do Parque por parte dos moradores que temem aproximação devido a esse fator, tornam o espaço cada vez mais esquecido e distante da memória das pessoas, inclusive daquelas que possuem sua ancestralidade ligada ao lugar.

3 PINHA, Neudson Cleber Cerqueira Lima. Participação popular no conselho gestor da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, 2016

Segundo o pesquisador Gey Espinheira (1998), o crescimento da cidade de Salvador e de sua região metropolitana "redefiniu radicalmente o significado dos espaços da cidade" o que veio a impactar de forma mais latente pessoas pertencentes a camadas sociais emergentes ou recém chegadas à cidade para compor a mão de obra que atuaria nas indústrias modernas que estavam sendo implantadas naquele período. Naquele contexto, a cidade foi redesenhada de forma que as camadas mais pobres fossem direcionadas geograficamente para seu interior - na área conhecida como "miolo" de Salvador e expulsas da orla Sul/Norte. Nesse sentido, bairros pertencentes a regiões industriais velhas e mais alguns bairros antigos - através dos quais se chegava ao Subúrbio Ferroviário - entraram em decadência.

Para o autor, a memória do Parque São Bartolomeu se configura, então, como uma forma de enraizamento histórico cultural e "uma ação no sentido de reforço da cultura popular" e, é justamente esse caráter popular, o responsável pelo esquecimento que preteriu o negro e o índio. Diante disso, a progressiva diminuição de aspectos africanos e indígenas no processo de síntese cultural causou o abandono de espaços como o São Bartolomeu, por parte do urbanismo hegemônico. Nessa conjuntura, é preciso indicar, também, a maneira como o espaço foi transformado em mercadoria e de como isso afeta a APA. Segundo Gey, os investimentos públicos e privados tomaram direções opostas ao Subúrbio, região onde se localiza a APA e, esse movimento migratório economicamente e politicamente dominante acelerou a depreciação urbana dessa antiga área, reorientando os investimentos públicos e tornando a área carente⁴.

4 ESPINHEIRA, Gey. O Parque São Bartolomeu: Esquecimento e Memória. In : FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Editora do Parque, 1998. p.23-28

"Uma cidade seleciona seus espaços em razão e função das forças sócio-políticas em jogo. Uma cidade é construída de lugares e lugar significa espaço capaz de conferir identidade. O lugar São Bartolomeu ficou para a urbanização da pobreza; e mais que pobre, ficou como um espaço que a pobreza quer incorporar para moradia, pois não deixa de ser um luxo, entre invasões (favelas) tão densas, um sítio estratégico em termos de articulação do sistema de transportes, uma 'reserva florestal', um lugar tradicional da cultura afro-brasileira" (ESPINHEIRA, 1998, p. 27).

O Parque São Bartolomeu não conseguiu acompanhar a modernização e ficou por décadas abandonado pelos poderes públicos. Porém, apesar da modernização ter abalado o papel do culto e do popular, não os extinguiu, o que evidenciou a força dessas tradições em resistir e, apesar do contexto de abandono, a busca por preservação aconteceu por parte de pessoas interessadas. Em 1986, a Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu foi criada a fim de conscientizar e preservar o espaço do parque, chegando à década de 90 com o projeto Guias e Guardiões do parque, aprovado pela prefeitura da cidade, o que viabilizou a realização outras ações nesse sentido.⁵

Entidades continuam com polêmica do S. Bartolomeu

O coordenador da Associação Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI), Lívio Michelini, contesta que a execução do projeto de urbanização da invasão de Novos Alagados traga prejuízos ecológicos para a área, com a conseqüente destruição de manguezais. Michelini disse que se surpreendeu com a notícia — publicada em A TARDE, edição do dia 14 último, página 2 — que a Associação Amigos do Parque de São Bartolomeu teria entrado com uma representação no Ministério Público contra o projeto de urbanização.

Para entrar com representação no MP, os Amigos do Parque utilizaram o argumento de que o projeto pretende aterrar o manguezal que ainda resta no parque, o que configura crime ecológico. Na contra-ofensiva, o coordenador Lívio Michelini garante que o projeto "prevê exatamente o contrário do que diz a Associação dos Amigos do Parque. Ontem pela manhã, ele esteve em A TARDE, quando entregou um documento de esclarecimento sobre a questão. No documento enfatiza que o projeto propõe ações concretas para a recuperação do manguezal e não sua destruição.

SEM IMPACTO AMBIENTAL

Explicou o coordenador da AVSI que toda a proposta de urbanização se baseia em estudo preliminar de impacto ambiental detalhado, conduzido em conjunto com o governo do estado, através da Conder. Explicou que o estudo consta de parecer de especialistas em biologia, engenharia sanitária, geotecnia e sociologia. De acordo com Michelini, todo esse cuidado atende a uma só meta: executar um projeto de recuperação da área que, ao mesmo tempo, proteja seus recursos naturais e responda às graves necessidades sociais dos moradores.

Garante Michelini que a denúncia de devastação de manguezal, levantada pelos Amigos do Parque, não tem qualquer fundamento e demonstra

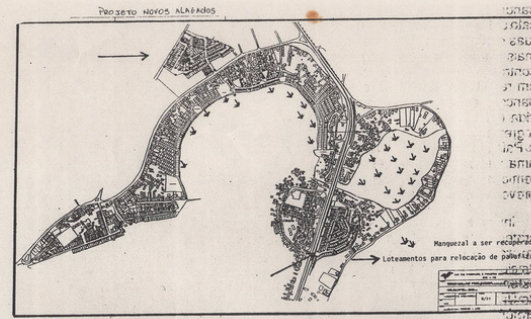
completa desinformação sobre o projeto. Esclareceu que o projeto quer contribuir na recuperação de Novos Alagados através de uma proposta de desenvolvimento eco-sustentável, mas que a verba disponível até agora — US\$1 milhão, e não os US\$5 milhões, como divulgado na imprensa — é muito inferior ao custo global previsto. O custo total do programa está orçado em US\$13 milhões.

A assinatura de convênio entre a AVSI e o governo do estado através da Conder, ocorrida em 24 de março último, vai permitir a urbanização da área de Nova Esperança, em Alagados. Isso vai beneficiar 400 famílias, destas 147 vivem hoje em palafitas. O projeto inclui cinco etapas, sua conclusão está prevista para 1998, o que deverá beneficiar 3.500 famílias.

Associação teme pelo manguezal

Apesar de preservar o manguezal existente no interior do Parque São Bartolomeu, o projeto de urbanização de Novos Alagados prevê o aterro parcial de áreas de mangue existentes na Enseada do Cabrito, que é considerada Zona de Proteção Ecológica do Parque Metropolitano de Pirajá, de acordo com o Decreto Municipal nº 5.363, de 28 de abril de 1978. Quem assegura é Ana Lúcia Formigli, membro da Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu/Pirajá. Ela explicou também que a ação ajuizada pela Associação dos Amigos do Parque no Ministério Público teve o objetivo de alertar às autoridades para a necessidade de um rigoroso estudo do manguezal antes da decisão de executar o projeto de aterro.

"Os manguezais são protegidos pela Constituição federal, que determina a necessidade de lei específica para respaldar qualquer tipo de alteração naqueles ecossistemas", comentou. A Constituição da Bahia também



Pelo mapa, o projeto não irá prejudicar o manguezal do parque

considera os manguezais áreas de preservação permanente e prevê que projetos para áreas de manguezal devem ser precedidos por um estudo de impacto ambiental, um relatório de impacto ambiental e um debate público sobre o assunto. Antes mesmo desse estudo ser realizado, professores do Instituto de Biologia, Everaldo Lima, e Geociências, Fernando Queiroz, ambos da Universidade Federal da Bahia, constataram que o manguezal da Enseada do Cabrito possui uma rica variedade de espécies e que seu substrato poderá ser recomposto.

BIODIVERSIDADE

Convidados pela Secretaria de Meio Ambiente da prefeitura, eles estiveram ontem pela manhã na Enseada do Cabrito e encontraram juvenis de mais de 15 espécies de peixes de grande valor econômico, como araraias, robalos, vermelhos, sambuios, carapebas e cação-martelo. "Grande parte da população dessa região vive desses pescados", lembrou Everaldo Lima.

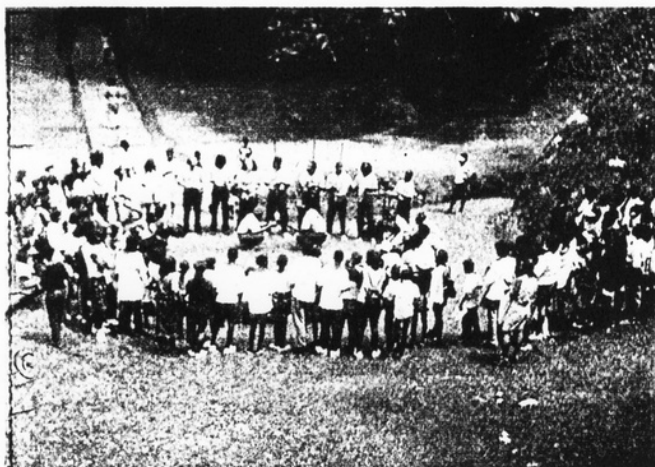
Os dois professores garantiram que em meados de outubro deverão apresentar um relatório com os resultados do estudo. Contudo, Fernando Queiroz, que é doutor em geoquímica de manguezais, garantiu que as primeiras observações indicam que o substrato do manguezal da Enseada do Cabrito ainda está vivo e poderá ser totalmente recuperado. "Consta-

tamos que o manguezal ainda poderá funcionar como berçário da fauna marinha", completou Everaldo. Ele disse também que os manguezais são considerados áreas de preservação permanente devido ao fato de serem fontes primárias de alimentos para a população e para os peixes e funcionarem como local de reprodução para uma grande quantidade de espécies marinhas. "A biodiversidade do manguezal da Enseada do Cabrito é alta", insistiu.

Ana Lúcia Formigli disse também que a Associação dos Amigos do Parque apóia a luta da Sociedade 1º de Maio, de Novos Alagados, no sentido de resolver os problemas de moradia dos favelados, que moram em palafitas, mas considerou que o problema social deve ser resolvido de maneira compatível com a preservação ambiental. "Uma zona de Proteção Ecológica não pode ser fronteira aberta para a ocupação. Afinal, os parques são indispensáveis para a cidade e a solução do problema habitacional deve ser dada sem prejuízo das áreas de preservação", defendeu. Ela explicou que caso fique constatada a possibilidade de recuperação do manguezal da Enseada do Cabrito, a melhor solução é relocar os moradores das palafitas para áreas de terra firme, com toda a infra-estrutura urbana necessária e que o manguezal seja usado para o desenvolvimento de atividades sistêmicas de pesca e mariscagem, como ocorria no passado.

ANTIGA MATÉRIA EXPÕE TENSÃO FRENTE AO PLANO DE INTERVENÇÃO URBANÍSTICA EM NOVOS ALAGADOS E O REFLEXO DISSO NO PARQUE SÃO BARTOLOMEU. ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO PARQUE MOSTRAVA-SE ATUANTE EM MEIO AO CONFLITO.

FONTE: WWW.ACERVODALAJE.COM.BR



Grupos de capoeira estão fazendo exhibições no São Bartolomeu

Visita de Daniela ajuda o Parque São Bartolomeu

A visita de Daniela Mercury ao Parque São Bartolomeu, em agosto último, terminou representando uma grande contribuição ao processo de revitalização da área. A Associação dos Amigos do Parque passou a organizar caminhadas aos sábados, as quais, nos últimos dois meses, congregaram mais de dois mil visitantes.

Pessoas de outras regiões da cidade, terreiros de candomblé e grupos de capoeira também estão voltando a fazer de São Bartolomeu um local para lazer e atividades. O programa semanal de visitas, denominado "Sábados no Parque", reúne grupos de cerca de 100 pessoas, que percorrem o caminho entre as cachoeiras de Oxum e Nanã e a de Oxumaré.

Outros grupos menores cobrem as trilhas de acesso mais difícil, abertas na mata. Os visitantes são acompanhados pelos guardiões e guias do Parque, que são adolescentes espe-

cialmente preparados para esta tarefa. No dia 21, lá estará a Escola Criativa Olodum e haverá formatura de uma turma de adolescentes apicultores, que vão criar abelhas em São Bartolomeu.

As caminhadas feitas por grandes grupos foi a forma encontrada pela Associação para superar o clima de insegurança que afastou os visitantes do Parque nos últimos anos. "É um absurdo as pessoas deixarem de conhecer um parque tão bonito por causa do medo de serem assaltadas. Caminhando com muita gente junto mostramos que é possível passear no São Bartolomeu sem riscos", comenta o guia Edson Nogueira, morador de Plataforma. Os "Sábados no Parque" têm programação definida até o dia 16 de dezembro. Em novembro, no sábado anterior ao Dia da Consciência Negra, haverá a presença de grupos afros comemorando os 300 anos da passagem de Zumbi dos Palmares.

JORNAL DE 1995 PUBLICOU AÇÕES POR PARTE DE ORGANIZAÇÕES E USUÁRIOS DO PARQUE PARA PRESERVÁ-LO
FONTE: WWW.ACERVODALAJE.COM.BR

Durante aproximações do parque realizadas em estudos que antecederam a presente pesquisa, foi possível conhecer mais das visões locais dos operadores do território obtidas a partir da assimilação de considerações de outro movimento social intitulado "Guardiões da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu". Movimento que desde 2017 têm viabilizado trilhas regulares, bimestrais, que tiraram não só o Parque São Bartolomeu do esquecimento, mas também os demais espaços que fazem parte de APA - Parque Metropolitano de Pirajá e Lagoa da Paixão.

A prática de fazer trilhas no lugar é antiga e envolve inclusive eventos históricos, como o uso destas à época das batalhas pela Independência do Brasil. Próximo do Parque fica o Panteão ao General Labatut e a Igreja de São Bartolomeu, fundada em 1608,⁶ onde os veteranos da independência foram sepultados.⁷

⁶ BACELAR, Jonildo. Parque São Bartolomeu. Disponível em Acesso em 02 de abril de 2021

⁷ PLANO de Manejo do Parque São Bartolomeu. Disponível em <<http://www.conder.ba.gov.br/index.php/biblioteca/plano-de-manejo-do-parque-sao-bartolomeu>> Acesso em 05 de janeiro de 2021

TRILHA ECOLÓGICA

PARQUE SÃO BARTOLOMEU, 2019

FOTOGRAFIA: ÍRIS PRISCILA



A Trilha Ecológica APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu viabilizou o retorno do olhar das pessoas ao então esquecido Parque São Bartolomeu, e essa ação abriu portas para tantas outras que têm tornado o espaço cada vez mais vivo, como outras trilhas e atividades culturais, até o aumento expressivo das visitas escolares.⁸

Além disso, a aproximação do movimento social Guardiões da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu deixou evidente que, apesar do Parque viver um contexto de abandono, isso não significa a inexistência de um cotidiano vivo que se desenrola no local.

Segundo Débora Porciúncula, professora guardiã da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu, esse abandono do Parque está relacionado, inclusive, a questão da violência que existe no local, mas que é abordada publicamente, sobretudo através dos meios de comunicação, de forma que confere ao Parque um estigma que afasta a população, uma vez que no imaginário desta, o território é reduzido ao contexto da violência.

Nesse sentido, a realização das trilhas ecológicas e a consequente aproximação das pessoas acabam sendo formas de resistência tanto na luta contra o esvaziamento do local, quanto na luta contra o esquecimento e deturpação da imagem deste.

Além disso, a trilha funciona como uma ligação entre parques que fazem parte da APA ao promover percursos que começam no São Bartolomeu e terminam em Pirajá. Esses percursos sendo visitados e revisitados a cada dois meses tem tornado o ambiente cada vez mais familiar aos visitantes, sobretudo aqueles que moram em bairros adjacentes e que estavam afastados da APA por conta dos estigmas mencionados anteriormente.

8 GUARDIÕES da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu realizam sua primeira trilha em 2020. Disponível em <<https://www.gamba.org.br/noticias/guardioes-da-apa-bacia-do-cobre-sao-bartolomeu-realizam-sua-primeira-trilha-em-2020>> Acesso em 20 de janeiro de 2021

“(...) É uma invisibilidade proposital, (...) não é algo desconectado de um propósito. Entendeu? Essa desconstrução, a criação do mito de uma violência duríssima, que você não tinha condições de pôr os pés lá dentro. Então tudo isso dialoga com a tentativa mesmo de transformar o parque em outra coisa. E agora está vendo, não é? Especulação imobiliária. O vetor de crescimento urbano se voltando para o Subúrbio, aquelas áreas estão em risco”.

DÉBORA PORCIÚNCULA. PROFESSORA, PESQUISADORA, GUARDIÃ
DA APA BACIA DO COBRE, 2019
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA




TRILHA ECOLÓGICA

PARQUE SÃO BARTOLOMEU, 2019

FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA





“Depois da Trilha ecológica APA Bacia do Cobre São Bartolomeu, outras trilhas menores começaram a acontecer. Não tem frequência como a nossa, porque a nossa é certa, a cada dois meses ela vai acontecer, chova ou faça sol ela acontece. A última trilha mesmo, a gente fez foto todo mundo de guarda chuva, mas a trilha aconteceu, o pessoal de sombrinha, a gente aí teve a oportunidade de falar sobre os processos naturais, né? Chuva e sol fazem parte da dinâmica da natureza e agente tem que aceitar essas dinâmicas. Por que não sair quando tá chovendo se de repente você vai ter uma oportunidade de na chuva encontrar uma outra paisagem, né?”

DÉBORA PORCIÚNCULA. PROFESSORA, PESQUISADORA, GUARDIÃ
DA APA BACIA DO COBRE. 2019
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA

Atualmente, os guardiões tem lutado contra a possível privatização do Parque São Bartolomeu. Isso porque, no final do ano de 2020, o BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social lançou um programa em parceria com o Governo da Bahia - cujo governador é Rui Costa - para repassar a iniciativa privada 26 parques naturais no Brasil. Entre esses parques, cinco são baianos e entre eles está o São Bartolomeu, que é geridos pelo governo do Estado.⁹

A secretaria do Meio Ambiente afirma, em seu site, que o Programa de Concessão de Unidades de Conservação do BNDES não prevê privatização de unidades de conservação, mas sim, uma proposta de elaboração de estudos para analisar a viabilidade de concessão, por tempo limitado, do uso de uma parte da área dos parques, que será identificada nos estudos – ou uma concessão de serviços turísticos que tem por objetivo a melhoria de infraestrutura e ampliação de visitação e recreação.¹⁰

⁹ PRIVATIZAÇÃO de parques provoca temor entre ambientalistas e comunidades na Bahia. Disponível em <<https://www.gamba.org.br/noticias/privatizacao-de-parques-provoca-temor-entre-ambientalistas-e-comunidades-na-bahia>> Acesso em 2 de abril de 2021

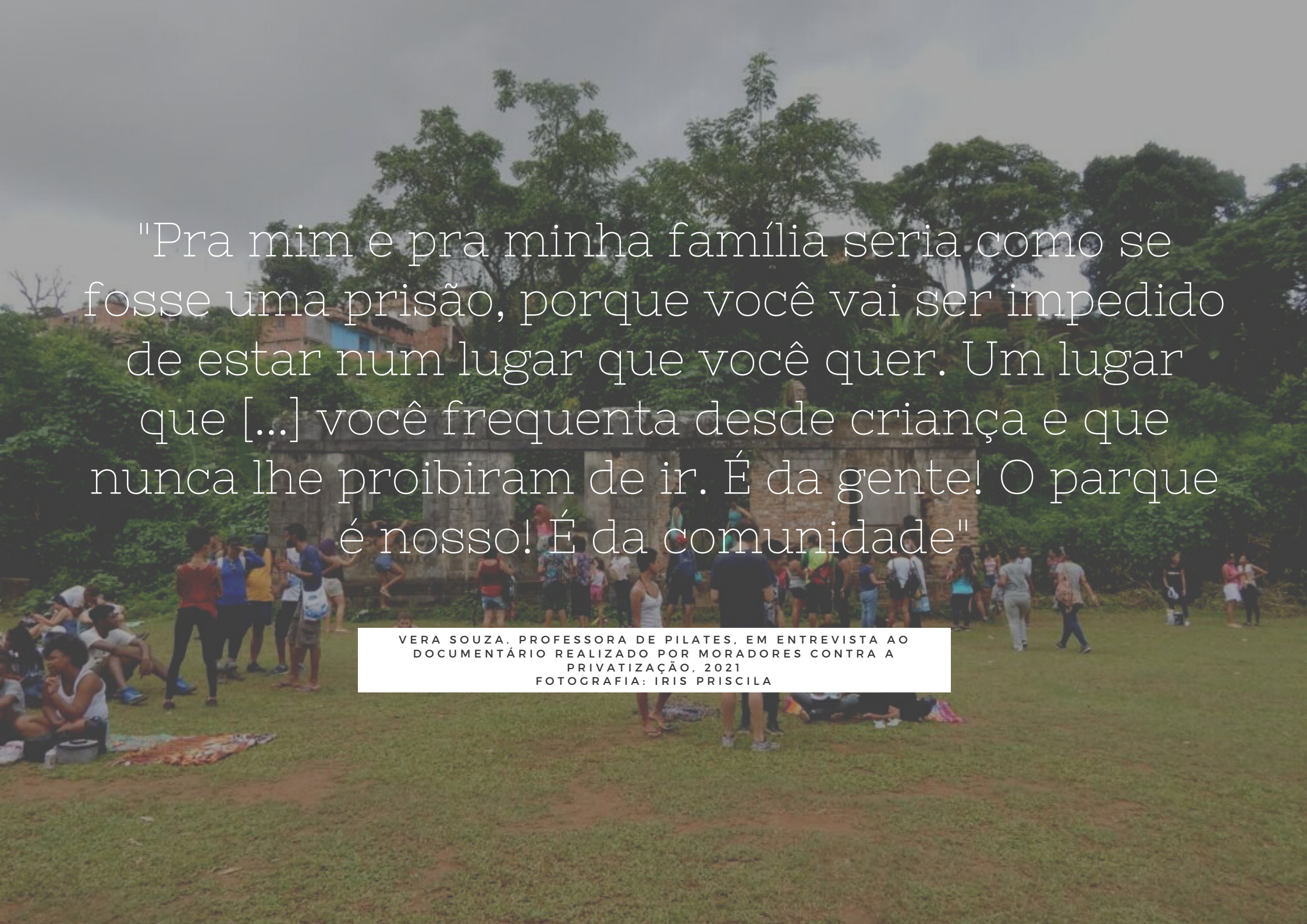
¹⁰ PARCERIA fortalecerá gestão de preservação de parques baianos. Disponível em <<http://www.meioambiente.ba.gov.br/2021/02/12137/Parceria-fortalecera-gestao-de-preservacao-de-parques-baianos.html>> Acesso em 2 de abril de 2021

Por outro lado, segundo Moradores da APA Bacia do Cobre e Parque São Bartolomeu entendem o programa como um processo de privatização. Dessa forma, alguns moradores fizeram um abaixo assinado online, em que explicam que o processo de privatização está ocorrendo em todo o país e que é necessário que a sociedade seja convocada na luta em defesa da APA- São Bartolomeu / Bacia do Cobre "em defesa das florestas e em defesa da vida"¹¹.

O processo em tramitação prevê que os estudos estejam concluídos em junho de 2021 e que editais sejam lançados até o final do mesmo ano, com leilões previstos para o primeiro trimestre de 2022. O período de concessão pode chegar a 30 anos¹².

¹¹ INICIATIVA popular trilha das flores, Sem Data

¹² GOVERNO da Bahia vai privatizar o jardim Zoológico de Salvador, Parque Pituacu e São Bartolomeu. Disponível em <<https://www.acessepolitica.com.br/governo-da-bahia-vai-privatizar-o-jardim-zoologico-de-salvador-parque-pituacu-e-sao-bartolomeu/>> Acesso em 5 de abril de 2021

A group of people is gathered in a grassy area, possibly a park or community space. In the background, there are lush green trees and a brick building. The scene is outdoors and appears to be a community event or gathering.

"Pra mim e pra minha família seria como se fosse uma prisão, porque você vai ser impedido de estar num lugar que você quer. Um lugar que [...] você frequenta desde criança e que nunca lhe proibiram de ir. É da gente! O parque é nosso! É da comunidade"

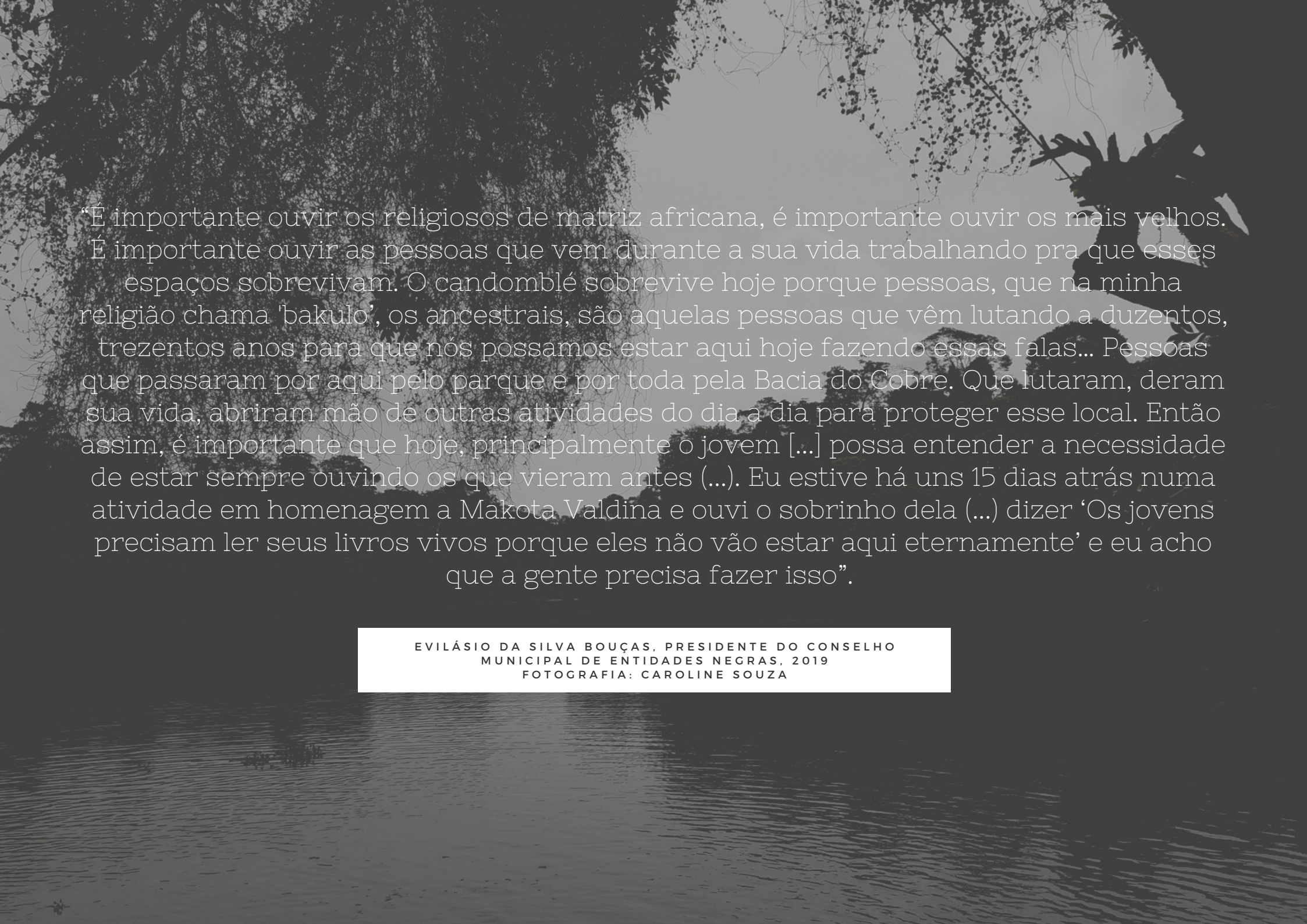
VERA SOUZA. PROFESSORA DE PILATES, EM ENTREVISTA AO DOCUMENTÁRIO REALIZADO POR MORADORES CONTRA A PRIVATIZAÇÃO, 2021
FOTOGRAFIA: IRIS PRISCILA

DEDICATÓRIA

Espero que esta publicação chegue a cada pessoa que tenha interesse em saber mais sobre o parque, especialmente aquelas que tem suas histórias de vida relacionadas a ele: cada moradora e morador da "Suburbana". Pessoas que habitam a cidade de Salvador e a constroem, mas que são historicamente marcadas por relações de trocas desiguais, tendo suas vidas cotidianamente atravessadas por diversas formas de exploração ou descaso.

Este trabalho é, ainda, uma pequena homenagem àquelas e aqueles que nos antecederam e que nos inspiraram a criar mecanismos de sobrevivência a partir do que nos é dado, ou retirado, em nosso território.

São Bartolomeu vive!



“É importante ouvir os religiosos de matriz africana, é importante ouvir os mais velhos. É importante ouvir as pessoas que vem durante a sua vida trabalhando pra que esses espaços sobrevivam. O candomblé sobrevive hoje porque pessoas, que na minha religião chama 'bakulo', os ancestrais, são aquelas pessoas que vêm lutando a duzentos, trezentos anos para que nós possamos estar aqui hoje fazendo essas falas... Pessoas que passaram por aqui pelo parque e por toda pela Bacia do Cobre. Que lutaram, deram sua vida, abriram mão de outras atividades do dia a dia para proteger esse local. Então assim, é importante que hoje, principalmente o jovem [...] possa entender a necessidade de estar sempre ouvindo os que vieram antes (...). Eu estive há uns 15 dias atrás numa atividade em homenagem a Makota Valdina e ouvi o sobrinho dela (...) dizer ‘Os jovens precisam ler seus livros vivos porque eles não vão estar aqui eternamente’ e eu acho que a gente precisa fazer isso”.

EVILÁSIO DA SILVA BOUÇAS, PRESIDENTE DO CONSELHO
MUNICIPAL DE ENTIDADES NEGRAS, 2019
FOTOGRAFIA: CAROLINE SOUZA

Escrito por Caroline Silva Souza.
Bacharel em Artes, estudante de Arquitetura e
Urbanismo.
Contato: 6carolinesouza@gmail.com